Gustavo da Frota Simões
Organizador

Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil

Editora CRV

Gustavo da Frota Simões
(Organizador)

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DA IMIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL

EDITORA CRV
Curitiba – Brasil
2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S588

Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil. / Gustavo da Frota Simões (organizador). – Curitiba: CRV, 2017.
112 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-444-1997-7
DOI 10.24824/978854441997.7

1. Ciências sociais 2. Relações internacionais 3. Imigração - Venezuela I. Simões, Gustavo da Frota. II. Silva, Leonardo Cavalcanti da. III. Oliveira, Antônio Tadeu Ribeiro de. IV. Moreira, Elaine. V. Camargo, Júlia Faria. VI. Furtado, Ailton José Lima Martins. VII. Título VIII. Série

CDU 304 CDD 304.83

Índice para catálogo sistemático
1. Imigração: Venezuela 304.839187

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM
FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!

2017
Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estevão (UMINHO - PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (UNIEURO)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional Três de Febrero - Argentina)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Élsio José Corá (UFFS)
Elizeu Clementino (UNEB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Paulo Romualdo Hernandes (UNICAMP)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Angelo Aparecido Priori (UEM)
Arnaldo Oliveira Souza Júnior (UFPI)
Carlos Ugo Santander Joo (UFG)
Dagmar Manieri (UFT)
Edison Bariani (FCLAR)
Elizeu de Miranda Corrêa (PUC/SP)
Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado (Universitat de Barcelona, UB, Espanha)
Giovani José da Silva (UNIFAP)
José de Ribamar Sousa Pereira (Exército Brasileiro/Ministério da Defesa)
Kelly Cristina de Souza Prudencio (UFPR)
Liv Rebecca Sovik (UFRJ)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas - US)
Maria Schirley Luft (UFRR)
Mauro Guilherme Pinheiro Koury (UFPB)
Ricardo Ferreira Freitas (UERJ)
Rubens Elias da Silva (UFOPA)
Sergio Augusto Soares Mattos (UFRB)
Silvia Maria Favero Arend (UDESC)
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Suyanne Tolentino de Souza (PUC-PR)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
À guisa de introdução: Imigração venezuelana no Brasil 9
Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira

SUMÁRIO EXECUTIVO 13
Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira
Elaine Moreira
Júlia Faria Camargo

CAPÍTULO 1
NOTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA QUANTITATIVA 17
Gustavo da Frota Simões
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira
Ailton José Lima Martins Furtado

CAPÍTULO 2
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DOS
VENEZUELANOS EM BOA VISTA 21
Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira

CAPÍTULO 3
PESQUISA QUALITATIVA 49
Elaine Moreira
Júlia Faria Camargo

CONSIDERAÇÕES FINAIS 83

ANEXOS 85

REFERÊNCIAS 105

SOBRE OS AUTORES 109

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DA IMIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL 111

APRESENTAÇÃO
À guisa de introdução: Imigração venezuelana no Brasil

Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira

A imigração venezuelana no Brasil cresceu exponencialmente nos últimos anos e sua presença vem ganhando amplo destaque nos dados estatísticos e nos diferentes discursos políticos, acadêmicos e da mídia. Tem sido expressivo o número de venezuelanos chegando via fronteira norte do país, pela cidade de Pacaraima, no estado de Roraima. O número de solicitantes de refúgio venezuelanos passou de 829, em 2015, para 3.368, em 2016, e 7.600 venezuelanos pediram refúgio no país até junho de 2017. Da mesma forma que os chamados "novos fluxos migratórios" provenientes do sul global e iniciados a partir de 2010, como é o caso dos imigrantes haitianos, senegaleses e bengalis, entre outros, a imigração venezuelana também é caracterizada pela diversificação e possui diferentes origens: geográficas, sociais, culturais, entre outras.

Com a recente, mas intensa, chegada de venezuelanos pelo extremo norte do país, constatou-se a necessidade de conhecer com maiores detalhes o perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana. Assim, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), com o apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), promoveu a pesquisa intitulada "Perfil sociodemográfico e laboral dos imigrantes venezuelanos" que teve o desenho metodológico realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e foi executada pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal de Roraima (UFRR). O principal objetivo da pesquisa é gerar dados quantitativos e qualitativos que possam subsidiar a formulação e implementação de políticas migratórias específicas, em conformidade com as necessidades da imigração venezuelana no Brasil.

É importante frisar que a pesquisa foi desenhada e executada em um curtíssimo período de tempo, entre os meses de junho e agosto de 2017. Portanto, trata-se de um estudo sem qualquer pretensão de uma análise densa, aprofundada ou multivariável, que demandaria os tempos clássicos da pesquisa acadêmica. No entanto, os dados aqui apresentados oferecem informações valiosas sobre as principais características sociodemográficas e laborais da imigração venezuelana em Roraima. Nesse sentido, o relatório

cumpre o seu objetivo e coloca à disposição da comunidade acadêmica, técnicos da administração pública, sindicatos, patronais, *policy makers*, legisladores e sociedade civil dados inéditos sobre a caracterização sociodemográfica e socioeconômica da imigração venezuelana.

Os dados são oriundos de dois tipos de levantamentos. Por um lado, uma investigação quantitativa realizada junto à imigração venezuelana, com indivíduos não indígenas, com 18 anos ou mais de idade, residentes no município de Boa Vista (RR). O desenho amostral para a parte quantitativa da pesquisa foi baseado em amostragem probabilística estratificada para estimar proporções. Tendo sido construídos estratos por sexo e grupos de idade, com grau de confiança de 95%, margem de erro de 2,5% e variância de 11%, resultando em um tamanho de amostra de 650 entrevistas coletadas em 33 bairros de Boa Vista que concentram parcela importante de imigrantes venezuelanos. Para evitar possíveis vieses e a incidência de erros não amostrais, a estratégia da pesquisa consistiu em abordar o entrevistado próximo ao seu local de moradia, evitando a aplicação dos questionários em locais de grande concentração de imigrantes venezuelanos.

Por outro lado, a pesquisa também levantou dados qualitativos com uma parcela pequena, mas simbolicamente significativa, dessa imigração: os indígenas Warao. A pesquisa foi realizada com famílias e líderes *aydamos* dos Warao das cidades de Boa Vista e Pacaraima. Conquanto, a pesquisa quantitativa foi representativa em termos probabilísticos, a aproximação aos indígenas foi representativa em termos tipológicos, abarcando uma maior heterogeneidade dos grupos familiares e tipos de lideranças dos Warao no Brasil. Os instrumentos de coleta foram entrevistas semiestruturadas a líderes *aydamos* e trabalho de campo de corte etnográfico. Mesmo não contando com os tempos exigidos e desejados para a etnografia, as pesquisadoras que desenvolveram essa parte do trabalho já contavam com uma vasta experiência e com análises densas sobre populações indígenas ou com o apoio aos Warao no Brasil. A investigação permitiu ir a campo e consolidar um conhecimento adquirido em outros trabalhos, porém voltando o olhar para subsidiar as políticas públicas. Essa parte da pesquisa contou com entrevistas em Boa Vista e Pacaraima.

Os resultados da pesquisa aqui apresentados somar-se-ão às muitas pesquisas realizadas no país sobre a recente imigração do sul global no Brasil e visa preencher uma lacuna: *o pefil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana*.

Dito isso, o texto está organizado em duas partes. Na primeira, contam o resumo executivo e as notas metodológicas que nortearam o tratamento

dos dados quantitativos. Nas partes subsequentes está disponível a análise dos dados quantitativos e qualitativos supracitados. Por fim, é realizada, à guisa de conclusão, considerações finais sobre o trabalho realizado.

Para finalizar, a equipe da pesquisa não poderia terminar esta sucinta apresentação sem agradecer ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), por ter tornado viável esse estudo com o máximo respeito à independência e à autonomia na produção do conhecimento científico. Somente dessa forma é possível praticar o "*ethos* científico" com o máximo rigor acadêmico, sem interferências externas ou valorativas. Também expressamos os nossos agradecimentos à equipe de pesquisadores do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e muito especialmente aos estudantes e acadêmicos da Universidade Federal de Roraima (UFRR), vinculados à Cátedra Sérgio Vieira de Mello, que, de forma tenaz e com elevado rigor intelectual, coletaram os dados da pesquisa. Sem a junção do esforço coletivo e respeitando o papel dos respectivos atores aqui supracitados, não seria possível a finalização da presente pesquisa. Por último, mas não menos importante, não podemos deixar de registrar que esta obra não poderia ser realizada sem a colaboração voluntária e eficiente dos venezuelanos que, generosamente, cederam seus tempos para explicar os seus projetos e trajetórias migratórias durante a realização do trabalho de campo. O nosso reconhecimento, agradecimento e admiração a todos esses imigrantes é abrangente e intensa.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira
Elaine Moreira
Júlia Faria Camargo

Esse relatório, conforme já mencionado, foi promovido pelo CNIg com o apoio do ACNUR, teve o desenho metodológico realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e foi executado pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal de Roraima (UFRR), assim como sua elaboração. O principal objetivo da pesquisa foi gerar dados quantitativos e qualitativos que possam subsidiar a formulação e implementação de políticas migratórias específicas, em conformidade com as necessidades da imigração venezuelana no Brasil.

Em virtude dessa demanda, optou-se por realizar uma pesquisa quantitativa com migrantes venezuelanos não indígenas, residentes em Boa Vista, e indígenas, residentes em Boa Vista e em Pacaraima.

Com relação ao primeiro grupo, o objetivo principal foi analisar o perfil sociodemográfico e laboral dos imigrantes venezuelanos em Roraima, a fim de subsidiar a implementação de políticas públicas específicas em conformidade com as necessidades desse coletivo. Para esse fim, criou-se um questionário com diversas variáveis que incluíam desde características sociodemográficas até a questão de remessas para a Venezuela.

O público-alvo da parte quantitativa foi de imigrantes venezuelanos, não indígenas, maiores de 18 anos e residentes em Boa Vista. O desenho amostral foi baseado em amostragem probabilística estratificada para estimar proporções. Tendo sido construídos estratos por sexo e grupos de idade. Grau de confiança de 95%, margem de erro de 2,5% e variância de 11%. Resultando em um tamanho de amostra de 650 entrevistas. Esse desenho de amostra foi realizado pelo Observatório das Migrações (ObMigra).

Feito o desenho amostral, os pesquisadores vinculados à Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal de Roraima (CSVM/UFRR) partiram para o levantamento de campo, após o treinamento fornecido pela coordenação científica da pesquisa. Foram privilegiados os respondentes que eram encontrados nas ruas, em seus domicílios ou próximos a eles.

Após a coleta dos dados, foi iniciada a fase de digitação e crítica de consistência da base de dados, de modo a identificar possíveis falhas no processo

de entrada e/ou coleta de dados. Foi elaborado um programa de entrada de dados utilizando softwares livres. Uma vez consistida a base de dados, iniciou-se o processo de tabulação e análise dos dados da parte quantitativa.

Com relação ao segundo grupo, duas pesquisadoras qualitativas realizaram o trabalho de campo com entrevistas às lideranças indígenas Warao em Pacaraima e em Boa Vista. Em Boa Vista, os contatos foram realizados na Rodoviária (Warao em situação de rua) e no CRI, abrigo cuja maioria dos residentes é indígena Warao.

Os principais resultados encontrados na parte quantitativa foram de que a migração venezuelana para Roraima é majoritariamente jovem (72% do total entre 20 e 39 anos), masculina e de solteiros (53,8% do total dos entrevistados). Com relação à chegada no Brasil, 66,9% chegaram em 2017, sendo que apenas 6,5% chegaram antes de 2016, o que permite dizer que esse é um fluxo recente e sem precedentes.

Ainda com as características sociodemográficas, os migrantes venezuelanos em Roraima apresentam alta escolaridade (Ver tabela 3) e seu local de origem está concentrado em cinco Estados Venezuelanos (Bolívar, Monagas, Anzoátegui, Carobo e Distrito Federal – Caracas). Os venezuelanos em Roraima apresentam pouco conhecimento do Português e muitos não estudam o idioma. Além disso, uma parcela significativa dos entrevistados destacou ter sofrido preconceito praticado por cidadão comum, cujo principal motivo foi o fato de ser estrangeiro.

As crises econômica e política no país vizinho foram apontadas como principais causas para o deslocamento (76,4% do total) e muitos possuem uma rede migratória composta em sua maioria por amigos (58% do total). Os migrantes chegaram, em sua maioria, de ônibus e levaram, em média, 1 a 2 dias para chegar em Pacaraima, no lado brasileiro da fronteira.

Como já era esperado, a maioria (82,4% do total) são solicitantes de refúgio e boa parte já possui algum documento brasileiro. Com relação à moradia, um percentual significativo mora em residência alugada, divide com um número de 2 a 4 pessoas e paga até 300 reais mensais.

Com relação ao emprego, há um percentual significativo de desempregados (35,4% do total) e de indivíduos que estão trabalhando por conta própria (31,7%). Quase a totalidade dos empregados recebem até dois salários mínimos, sendo insignificante o número daqueles que recebem mais de dois salários mínimos por mês, ou seja, acima de 1.874 reais, nos valores do salário mínimo de setembro de 2017.

Uma boa parcela dos migrantes já utiliza serviços públicos no Brasil, com destaque para a área da saúde, seguida da educação e da assistência

social. Importante destacar que quase a metade do total (48,4%) não utilizou nenhum serviço público.

Por último, cabe destacar que 77% do total dos entrevistados aceitariam se deslocar caso houvesse ajuda do governo brasileiro. Esse percentual é maior para homens (80,6%) e menor entre as mulheres (71%). A principal razão para aceitar o deslocamento é a possibilidade de emprego (79,6% do total), seguida de ajuda econômica (11,2%) e ajuda com moradia (5,2%).

Por outro lado, destaca-se que aqueles que não gostariam de se deslocar para outros Estados (14,9% do total), as principais razões alegadas foram estar integrados em Roraima (37,2%) e preferir ficar próximo à fronteira (38,3%).

É possível que, desde que com a ajuda com empregos e custos pagos, uma quantidade significativa de migrantes venezuelanos em Roraima opte por se deslocar para outro Estado do Brasil. Nesse sentido, uma política pública de suporte ao emprego e ajuda na interiorização parece encontrar percentual considerável de sucesso, desde que devidamente planejada com entes federativos e setor privado.

Já na parte qualitativa, percebe-se que a configuração do Centro de Referência ao Imigrante (CRI), em Boa Vista, está diretamente relacionada à presença dos Warao na cidade. A chegada dos Warao ao Brasil trata-se de um tipo migratório peculiar, uma vez que não há relatos de deslocamentos de indígenas, que se encontram em situação de refúgio, para o território nacional.

A maior parte dos Warao que se encontram no CRI possuem o Warao como primeira língua e o espanhol como segunda. Quando perguntados sobre o interesse em aprender português, a resposta é afirmativa e expressam o desejo de uma maior oferta de aulas sobre o idioma no CRI. À exceção a essa observação são alguns senhores e algumas senhoras de idade mais avançada, que dominam exclusivamente a língua Warao.

A fome, consequência da insegurança alimentar na Venezuela, é o principal argumento dos Warao quando perguntados sobre o projeto migratório. Outros argumentos utilizados são a ausência de serviços públicos relacionados à educação e saúde e ao descaso do governo venezuelano com os indígenas. A escolha pelo Brasil se deu, a partir de 2016, em grande parte graças a um Warao chamado Renot Rattio, que, em uma viagem ao Brasil no início daquele ano, obteve sucesso na venda de artesanatos e também nas arrecadações de roupas e alimentos.

De modo geral, os Warao afirmam estar satisfeitos com a moradia no CRI. O principal motivo da satisfação é a alimentação diária. A respeito do que poderia ser melhorado, as sugestões apontam quanto aos conflitos que ocorrem entre os moradores, a superlotação do espaço e a necessidade de mais ofertas de aulas de português.

Sobre as dificuldades e adaptação à nova rotina, os Warao, em sua maioria, disseram sentir falta das ferramentas de trabalho integradas à natureza, principalmente os buritizais ou *morichales.* Sobre o acesso à documentação no Brasil, a referência apresentada por eles é o protocolo de agendamento do pedido de refúgio, embora alguns entrevistados não possuem qualquer documento. O documento venezuelano apresentado é a cédula de identidade, que apresenta informações sobre a etnia e a comunidade de origem do seu portador.

De forma geral, todos afirmam ter maior qualidade de vida no Brasil, quando comparado com a vida que tinham na Venezuela, posteriormente ao agravamento da crise no país. Poucos demonstraram interesse em reemigrar para outro estado brasileiro. A intenção de ir a Manaus, que já esteve mais presente nos planos dos Warao, parece estar sofrendo algumas modificações enquanto estratégia migratória.

Como recomendações e apontamentos, esse relatório apresenta a possibilidade de administração desse fluxo migratório e especialmente se combinada com políticas de ofertas de trabalho em outras regiões do país e ajuda com os custos de deslocamento, dado o alto grau de aceitação por parte dos não indígenas. Além disso, percebe-se que, embora se tratem do mesmo fluxo migratório, indígenas e não indígenas merecem políticas e abrigamentos separados dadas as suas diferenças culturais, de necessidades e de perspectivas a longo prazo.

Há a necessidade também de maior investimento em aulas de português com professores capacitados e remunerados, tendo em vista o baixo percentual de indivíduos que dominam o idioma e o alto grau de interessados em aulas. Os cursos ministrados por voluntários estão com a lotação esgotada, os professores não possuem conhecimento profissional de português e são, em sua maioria, inexperientes com relação à docência. Há a necessidade de profissionalizar os serviços e cabe registrar o esforço feito pelos voluntários até o momento.

Nesse mesmo sentido, percebe-se que há uma maior necessidade em capacitar agentes públicos locais e fortalecer as atividades da sociedade civil já em andamento. Os serviços que necessitam de maior capacitação são os de saúde e educação, tendo em vista que são os mais procurados pelos imigrantes.

Por último, nota-se que o perfil migratório é jovem, em idade laboral e com graus elevados de desemprego. Por esses motivos, as principais políticas públicas devem ser em torno de capacitação e melhoria da oferta de empregos para os imigrantes, considerando-se a possibilidade de se tornarem autossustentáveis em um prazo relativamente curto. Dado o alto grau de escolaridade, uma via complementar e que depende das Universidades Públicas é a facilitação de reconhecimento de diplomas estrangeiros e a consequente diminuição das taxas cobradas nesses processos.

CAPÍTULO 1

NOTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA QUANTITATIVA

Gustavo da Frota Simões
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira
Ailton José Lima Martins Furtado

1.1. Definição do problema

Tendo em vista o significativo aumento dos fluxos imigratórios oriundos da Venezuela, no estado de Roraima, e a falta de dados sobre a situação e condições de vida desse coletivo, se fez necessária a implementação de levantamento estatístico voltado a entender as várias dimensões da inserção dos migrantes venezuelanos, não indígenas, na cidade de Boa Vista, que recebe a maior parcela dessa migração, de modo a fornecer subsídios para a implementação de políticas públicas e para orientar a intervenção de organismos que lidam com a questão migratória e o refúgio.

1.2. Objetivos

Objetivo principal – analisar o perfil sociodemográfico e laboral dos imigrantes venezuelanos em Roraima, a fim de subsidiar a implementação de políticas públicas específicas em conformidade com as necessidades desse coletivo.

Objetivos secundários – identificar as condições de vida dos migrantes venezuelanos, não indígenas, na cidade de Boa Vista; e avaliar a predisposição dos migrantes empreenderem deslocamento interno em direção às cidades do Centro-Sul do país, a partir do suporte das autoridades brasileiras.

1.3. Variáveis investigadas

Bloco I Características Sociodemográficas
Sexo
Idade
Estado civil
Escolaridade
Lugar de origem da migração (país/província)
Ano de chegada ao Brasil
Nacionalidade do cônjuge

Bloco II Características Antes de Migrar
Motivação
Experiência migratória familiar anterior
Ocupação exercida na Venezuela
Salário médio que recebia
Idiomas que domina

Bloco III Decisão de Emigrar
Se foi a primeira experiência
Redes sociais no Brasil
Custo da viagem
Tempo de duração da viagem
Meio de transporte
Se a migração foi familiar
Uso de intermediários (coiotes)

Bloco IV Residência e Trabalho no Brasil
Status migratório
Documentos brasileiros
Condição da residência
Número de moradores
Condição da ocupação laboral no Brasil
Carteira de trabalho assinada
Ramo de atividade econômica
Remuneração
Horas semanais trabalhadas
Prática discriminatória no trabalho
Dificuldade do idioma na inserção laboral
Estudo de português

Bloco V Inserção no Brasil
Serviços públicos utilizados
Hostilidade sofrida
Disponibilidade em deslocar-se no território brasileiro com apoio governamental
Condição para aceitação
Qual seria o destino caso repetisse o processo migratório

Bloco VI Remessas, Vínculos e Expectativas Futuras
Envio de remessas
Volume das remessas

Destinatário da remessa
Forma de envio remessa
Finalidade da remessa
Se já retornou à Venezuela desde que chegou
Pretensão ao retorno definitivo
Motivação para o retorno
Medo de retornar
O que pretende fazer caso permaneça no Brasil

1.4. Tipo de pesquisa

Descritiva conclusiva ocasional.

1.5. Método de coleta de dados

Método de comunicação pessoal.

1.6. População alvo

População venezuelana, não indígena, com 18 anos de idade ou mais, residente no município de Boa Vista (RR).

1.7. Processo de amostragem

O desenho amostral foi baseado em amostragem probabilística estratificada para estimar proporções. Tendo sido construídos estratos por sexo e grupos de idade. Grau de confiança de 95%, margem de erro de 2,5% e variância de 11%. Resultando em um tamanho de amostra de 650 entrevistas.

1.8. Planejamento da coleta de dados

O instrumento de coleta foi um questionário estruturado com perguntas fechadas e semiabertas, em algumas situações admitindo-se múltipla escolha. Uma vez definido o questionário, foi realizado pré-teste de modo a validar o instrumento de coleta. A realização dessa fase resultou na exclusão/reformulação de algumas perguntas.

Os entrevistadores, durante a operação de campo, estiveram munidos de uma versão do questionário em espanhol, de modo a elucidar eventuais incompreensões de perguntas e possibilidades de respostas. A equipe de campo foi composta por alunos de graduação do Curso de

Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima, que faz parte da Cátedra Sérgio Vieira de Mello.

A equipe de campo foi distribuída por 33 bairros de Boa Vista[1], que concentram parcela importante de migrantes venezuelanos, e no Ginásio Poliesportivo do Pintolândia[2].

A estratégia de coleta buscou aproximar-se ao máximo de entrevistas domiciliares, tendo em vista o vasto conteúdo de variáveis. A execução do levantamento em locais de grande concentração de imigrantes venezuelanos poderia introduzir vieses, possibilitando a incidência de erros não amostrais. Assim sendo, os entrevistadores circularam pelos bairros da cidade de maior concentração residencial da população alvo, procurando abordar o entrevistado próximo ao seu local de moradia.

A coleta de dados ocorreu no período de 27 de julho a 09 de agosto, tendo sido entrevistadas 664 pessoas.

1.9. Crítica e processamento dos dados

Após a coleta dos dados foi iniciada a fase de digitação e crítica de consistência da base de dados, de modo a identificar possíveis falhas no processo de entrada de dados.

Foi elaborado um programa de entrada de dados utilizando softwares livres. Essa ferramenta possibilitava fazer a digitação dos dados replicando o fluxo do questionário de forma a evitar entrada desnecessária de dados caso não tivesse sido observado o fluxo das perguntas.

Uma vez consistida a base de dados, iniciou-se o processo de tabulação e análise dos dados.

1 O município de Boa Vista é composto por 61 bairros.

2 O Ginásio também é conhecido como Centro de Referência ao Imigrante e serve de abrigo para uma parcela dos venezuelanos indígenas e não indígenas.

CAPÍTULO 2

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DOS VENEZUELANOS EM BOA VISTA

Gustavo da Frota Simões
Leonardo Cavalcanti da Silva
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira

2.1. Introdução

A Venezuela atravessa uma crise econômica e política que tem múltiplas e complexas causas. De acordo com Vaz (2016), a crise tem afetado diferentes aspectos da sociedade venezuelana, como o econômico, o social e o político. Entre as diferentes consequências da crise na Venezuela, observa-se, a partir de 2015, um aumento significativo do fluxo de venezuelanos para outros países, tanto para os destinos clássicos da emigração venezuelana, Estados Unidos e Espanha, por exemplo, quanto para países fronteiriços ou outros destinos no continenente americano. Assim, países como Colômbia, Trinidad e Tobago e mais recentemente o Brasil viram seus registros de venezuelanos aumentarem a partir desse ano (ÁLVAREZ, 2016).

No caso brasileiro, a chegada dos imigrantes venezuelanos é realizada majoritariamente pelo extremo norte do país, pelo estado de Roraima. Desse modo, constata-se um aumento da imigração venezuelana, que é percebida de diferentes formas. Em primeiro lugar, pelos diferentes discursos da mídia, político, acadêmico, entre outros. Em segundo lugar, pela visibilidade, especialmente da população indígena da etnia Warao, nas ruas das cidades de Pacaraima[3] e Boa Vista. Por último, pelos dados estatísticos: O número de solicitantes de refúgio venezuelanos passou de 280[4], em 2015, para 2.233, em 2016, e 6.438 venezuelanos pediram refúgio na capital roraimense em até junho de 2017. Para todo o Brasil, esses números são respectivamente de 829, 3.368 e 7.600 para os anos de 2015, 2016 e 1º semestre de 2017. Percebe-se, com isso, que a grande maioria dos venezuelanos recém-chegados solicitaram seu pedido de refúgio em Roraima, especialmente em 2016 e 2017.

A partir daí, pode-se tirar que boa parte dos venezuelanos que pedem refúgio vem por uma migração terrestre oriunda da fronteira Santa Elena de Uairén-Pacaraima. A esse respeito, o saldo dos números de entrada e saída dos venezuelanos no Brasil chega próximo aos números de pedidos de refúgio.

3 Cidade de aproximadamente 8.000 habitantes localizada na fronteira com a Venezuela.

4 Dados fornecidos pela Assessoria de Comunicação da Superintendência da Polícia Federal em Roraima.

Em 2016, entraram pelo ponto de migração terrestre na fronteira 56.800 venezuelanos e retornaram 47.108, o que permite uma aproximação em torno de 9.700 venezuelanos que ficaram em território brasileiro[5]. Em 2017, entraram por Pacaraima 24.379 (até 10.07.2017) e retornaram 13.868, o que contabiliza, em termos líquidos, 10.511 venezuelanos, número mais próximo aos 7.600 pedidos de refúgio contabilizados no primeiro semestre de 2017.

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa quantitativa. O presente capítulo foi estruturado a partir da composição do questionário (Anexo 1). Primeiro apresentou-se uma análise dos dados, com a discussão das principais variáveis da pesquisa. Em seguida teceu-se algumas considerações finais a respeito da pesquisa quantitativa e do perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos em Roraima.

2.2. Dados Coletados

Conforme já mencionado, o questionário (Anexo 1) contou com 53 (cinquenta e três) perguntas divididas em seis blocos. Dessas perguntas, na fase de tabulação de dados foram feitas 49 (quarenta e nove) tabelas que correspondem às variáveis das perguntas divididas por sexo e cruzamento de duas ou mais variáveis.

No primeiro bloco, destacam-se as características sociodemográficas dos venezuelanos, como local de residência, idade, sexo, ano de chegada ao Brasil, estado civil e escolaridade do entrevistado.

A tabela 1 mostra a distribuição relativa dos venezuelanos por sexo, segundo idade. Nota-se que, em ambos os sexos, os perfis de 18 a 19 anos (2,9%) e 65 anos ou mais (0,9% total, 0,7% no grupo de homens e 1,2% no grupo de mulheres) são pouco representativos. Tanto em homens como mulheres, as maiores porcentagens se encontram nas faixas etárias de 20 a 39 anos (72% total, 73,3% homens e 69,7% mulheres) e uma parcela significativa (23% total, 21,8% homens e 24,9% mulheres) na faixa etária de 40 a 64. Percebe-se, com isso, que a migração venezuelana é majoritariamente jovem situada entre os 20 a 39 anos, portanto, em fase laboral, sejam homens ou mulheres.

5 Esses números são aproximações, visto que não é possível determinar com exatidão o número dos venezuelanos que ficaram em Roraima, foram para outros Estados e estão irregulares ou optaram por outras formas de regularização migratória.

Tabela 1 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo idade, Boa Vista, 2017

GRUPOS DE IDADE	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
18 a 19	2,9	2,9	2,9
20 a 39	72,0	73,3	69,7
40 a 64	23,0	21,8	24,9
65 e mais	0,9	0,7	1,2
Ignorados	1,2	1,2	1,2

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Com relação ao estado civil (Tabela 2), a maior parcela é de solteiros(as) (53,8% do total, 56,4% dos homens e 49,4% das mulheres), seguida de percentual significativo de casados(as) (21,7% do total) e com companheiro(a) (17,9% do total), o que gera um número de solteiros(as) (53,8%) contra um número de casados(as) ou com companheiro(a) de 39,6%. Separados(as)/Divorciados(as) totabilizam apenas 4,5% do total e viúvos(as) 0,8%.

Tabela 2 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo estado civil, Boa Vista, 2017

Estado civil	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Casado	21,7	19,9	24,9
Com parceiro(a)	17,9	18,1	17,4
Solteiro(a)	53,8	56,4	49,4
Divorciado(a)/Separado(a)	4,5	3,7	5,8
Viúvo	0,8	0,2	1,7
Ignorados	1,4	1,7	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Com relação à escolaridade (Tabela 3), os migrantes venezuelanos em Boa Vista apresentam altos índices de educação formal. 28,4% do total possuem ensino superior completo, somados aos 3,5% que possuem Pós-Graduação, esse percentual sobe para 31,9% os migrantes que possuem, pelo menos, ensino superior completo. 30,5% do total possuem pelo menos ensino

médio completo, o que totabiliza 78% do total dos migrantes venezuelanos em Boa Vista com pelo menos ensino médio completo. As porcentagens de ensino médio incompleto, ensino fundamental (completo e incompleto) e analfabetos somam o restante, ou seja, 22%.

Tabela 3 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Analfabeto	0,9	0,5	1,7
Ensino fundamental incompleto	2,3	2,9	1,2
Ensino fundamental completo	4,8	5,9	2,9
Ensino médio incompleto	14,0	15,0	12,4
Ensino médio completo	30,5	30,9	29,9
Ensino superior incompleto	15,6	15,2	16,2
Ensino superior completo	28,4	26,7	31,1
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	3,5	2,9	4,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 4 mostra o local de origem, segundo o Estado na Venezuela. A grande maioria dos entrevistados (99,4%) vieram da Venezuelana, sendo que apenas 0,5% vieram da Colômbia ou de outros países, por isso nem figuram na tabela.

Tabela 4 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo estado de origem, Boa Vista, 2017

Província de origem	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Anzoátegui	13,1	14,7	10,4
Bolívar	26,3	25,7	27,4
Carabobo	7,4	5,4	10,8
Distrito Federal – Caracas	15,4	15,2	15,8
Monagas	16,3	17,4	14,5
Outros	19,9	20,6	18,7
Ignorados	1,5	1,0	2,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Interessante destacar que há um grande número de pessoas oriundas do Estado Bolívar (26,3%), mas também há uma parcela significativa de pessoas vindas de Caracas (15,4%), Monagas (16,3%), Anzoátegui (13,1%) e Carabobo (7,4%), regiões mais afastadas da fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

Por último nesse bloco I, a tabela 5 apresenta o ano de chegada ao Brasil:

Tabela 5 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo ano de chegada ao Brasil, Boa Vista, 2017

Ano de chegada	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Antes de 2016	6,5	6,9	5,8
2016	24,0	22,3	27,0
2017	66,9	67,6	65,6
Ignorados	2,6	3,2	1,7

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

De fato, a grande maioria (66,9%) chegou em 2017, com parcela significativa (24%) em 2016 e insignificante antes de 2016 (6,5%), sendo que, destes, menos de 3% chegaram antes de 2015. Isso corrobora a percepção de que haviam poucos venezuelanos em Roraima antes da crise venezuelana e boa parte deles chegaram em 2016 e 2017.

O segundo bloco de perguntas foi direcionado a entender melhor algumas características do processo migratório como principal motivo para o deslocamento, a condição de ocupação antes de migrar e idiomas que domina.

A tabela 6 apresenta a principal motivação para emigrar para o Brasil. Como pode-se perceber, há o domínio de crise política e crise econômica (76,4% do total) com uma parcela de 12,3% dizendo que o principal motivo foi a busca de trabalho.

Tabela 6 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo principal motivo da emigração, Boa Vista, 2017

Motivo da emigração	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Crise política	25,4	27,0	22,8
Crise econômica	51,0	48,8	54,8
Busca de trabalho	12,3	14,0	9,5
Outros motivos	10,8	10,0	12,0
Ignorados	0,5	0,2	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

No campo “Outros” destacou-se que aí se incluem a questão da violência (4,4% do total), perseguição política (2% do total), estudos e (1,9%), tratamento de saúde (0,8%) e motivos diversos. Importante destacar que apenas 2% dos entrevistados afirmaram ser a “perseguição política” o principal motivo para o deslocamento, o que levanta o debate acerca de se essa migração é de fato uma migração de refúgio.

A tabela 7 procura entender a condição de ocupação desses migrantes. Um número expressivo (51,8% do total) era empregado e 20,8% trabalhavam por conta própria. 13,9% informam que eram desempregados antes de vir para o Brasil, número inferior aos 25,3% de taxa de desemprego registrados pelo IMF (2017), mas próximo ao total que trabalha por conta própria e desempregados.

Tabela 7 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição na ocupação	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Empregado	51,8	56,6	43,6
Conta-própria	20,8	23,0	17,0
Desempregado	13,9	11,3	18,3
Estudante	5,9	4,2	8,7
Outros	6,6	3,7	11,6
Ignorados	1,1	1,2	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 8 mostra os conhecimentos linguísticos dos migrantes. Se por um lado há uma taxa de educação formal, essa tabela mostra que a maioria dos venezuelanos (61,4%) não domina um idioma estrangeiro. Apenas 11,4% dizem dominar o Inglês além do Espanhol.

Tabela 8 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo idiomas que domina além do espanhol, Boa Vista, 2017

Idioma	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Português	22,7	23,1	21,9
Inglês	11,4	12,4	9,6
Nenhum	61,5	59,8	64,6
Outros	4,4	4,7	3,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Uma boa parcela (22,7%) já domina o português. No campo "Outros" percebeu-se uma boa incidência de Francês e Italiano.

Por último, cabe destacar que apenas 27,6% dos entrevistados informaram possuir parentes que haviam emigrado antes, contra 69,4% que não possuíam parentes com histórico prévio de migração.

O bloco 3, em continuidade com o bloco 2, apresentou perguntas acerca da decisão de migrar para o Brasil, a existência de redes migratórias, migração familiar, meio de transporte utilizado para chegar ao Brasil e a utilização de coiotes/intermediários no processo migratório.

Em primeiro lugar, destaca-se que 94,1% dos entrevistados apontou que o processo migratório para Roraima se trata da primeira experiência de deslocamento. Apenas 5,1% relataram possuir experiências migratórias prévias. Daqueles que haviam migrado, uma parcela havia sido de migração interna e outra internacional. Na migração internacional, destaque para a Colômbia, EUA e Argentina como destinos prévios.

Com relação às redes, 59,8% responderam que conheciam outros imigrantes venezuelanos. Desses, a tabela 9 mostra quem seriam esses contatos:

Tabela 9 – Distribuição relativa dos venezuelanos, por sexo, segundo rede migratória, Boa Vista, 2017

Rede migratória	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Familiares	41,5	39,1	44,8
Amigos/conhecidos	58,0	60,9	54,0
Outros	0,5	0,0	1,2

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 10 cruza os dados de migração familiar (se o migrante veio acompanhado de algum membro da família) com o de rede migratória (tabela 9):

Tabela 10 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por migração familiar, segundo rede migratória, Boa Vista, 2017

Rede migratória	Migração familiar		Total
	Sim	Não	
Sim	32,9	26,8	59,8
Não	13,9	26,4	40,2
Total	46,8	53,2	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Pode-se ver que, daqueles que haviam conhecidos aqui (59,8% do total), 32,9% do total migraram com familiares e 26,8% migraram sozinhos ou com amigos. Por outro lado, os 40,2% que não apresentaram contatos (redes) em Roraima, apenas 13,9% do total migraram com familiares, deixando expressivos 26,4% do total dos que se deslocaram para Roraima sem redes migratórias e sem migração familiar, ou seja, vieram sozinhos ou com amigos e sem contatos aqui. Nesse mesmo sentido, a tabela 11 mostra quem dos familiares do entrevistado possuía experiência migratória anterior:

Tabela 11 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quais familiares tiveram alguma experiência migratória prévia, Boa Vista, 2017

Familiar	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Cônjuge	24,9	25,8	23,9
Filhos	28,6	15,3	42,8
Irmãos	21,6	30,0	12,8
Outros parentes	24,9	28,9	20,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Destaca-se que apenas 29,3% dos entrevistados tiveram familiares com experiência migratória. Desses, há uma divisão próxima entre cônjuges, filhos, irmãos e outros parentes.

As tabelas 12 e 13 terminam esse bloco perguntando acerca do deslocamento para o Brasil. A tabela 12 mostra qual o principal meio de transporte:

Tabela 12 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo o principal meio de transporte para chegar ao Brasil, Boa Vista, 2017

Meio de transporte	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Carro	25,6	22,1	31,5
Ônibus	71,2	75,0	64,7
Outros	2,6	2,5	2,9
Ignorados	0,6	0,5	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Percebe-se que a maioria (71,2% do total) utilizou o ônibus como principal meio de transporte, sendo que 25,6% vieram de carro (incluindo táxis e caronas) e apenas 2,6% destacaram outros meios (avião, a pé, por exemplo).

Com relação ao tempo de duração para chegar até Roraima, a tabela 13 apresenta esses dados:

Tabela 13 – Distribuição relativa dos venezuelanos, por sexo, segundo tempo de viagem, Boa Vista, 2017

Tempo de viagem	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Menos 24 horas	23,6	21,6	27,0
Entre 1 e 2 dias	56,9	57,8	55,2
Entre 3 e 5 dias	16,8	17,6	15,4
Acima 5 dias	1,7	2,0	1,2
Ignorados	1,1	1,0	1,2

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

56,9% do total demorou de 1 a 2 dias para chegar até Roraima, tempo compatível com o deslocamento de ônibus, especialmente vindos de regiões mais distantes do Brasil, como Caracas, Carabobo e Monagas. Apenas 1,7% relatou precisar mais de 5 dias para chegar ao Brasil. E uma quantidade considerável destacou que demorou menos de 24h para chegara a Roraima, percentual (23,6%) semelhante àqueles que vieram do estado Bolívar.

O quarto bloco de perguntas, intitulado "residência e trabalho no Brasil", realizou questionamentos acerca do status legal no Brasil, documentos brasileiros que o migrante possui, condição de residência em Roraima, quantas pessoas dividem essa residência, condição de ocupação no Brasil, se possuíam carteira assinada, ramo de atividade econômica, remuneração no Brasil, horas semanais trabalhadas, práticas discriminatórias e acerca do idioma e do aprendizado de português em Roraima.

A tabela 14 mostra a distribuição relativa dos migrantes venezuelanos segundo o seu status migratório:

Tabela 14 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo status migratório, Boa Vista, 2017

Status migratório	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Solicitante de refúgio	82,4	82,1	83,0
Solicitante de residência	5,5	5,4	5,8
Sem documentos	7,1	7,4	6,6
Outros	4,3	4,9	3,3
Ignorados	0,6	0,2	1,2

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

82,4% do total de entrevistados é solicitante de refúgio, contra apenas 5,5% de solicitantes de residência. Há uma parcela significativa de indivíduos sem documentos (7,1%), muitos dos quais seriam indivíduos com agendamento da Polícia Federal em Roraima.

Esse número de sem documentos é próximo aos indivíduos que apresentam apenas o agendamento, conforme mostra a tabela 15:

Tabela 15 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo documentos brasileiros que possuem, Boa Vista, 2017

Tipo de documento	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Agendamento/Cita	8,1	7,9	8,6
Protocolo de refúgio	33,7	33,5	34,0
Carteira de trabalho	22,8	23,6	21,4
CPF	29,0	28,6	29,6
Outros	2,4	2,4	2,3
Nenhum	4,0	3,9	4,0

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Cerca de 1/3 dos migrantes venezuelanos, em Roraima, possui apenas o protocolo de refúgio, 22,8% possuem carteiral de trabalho, 29% CPF e 4% não possuem documento nenhum, nem o agendamento.

Com relação à residência, as tabelas 16 e 17 apresentam dados, respectivamente, sobre a condição de residência e o valor do aluguel no caso daqueles que moram em imóveis alugados:

Tabela 16 – Distribuição relativa dos venezuelanos por sexo, segundo condição de residência, Boa Vista, 2017

Condição de residência	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Alugada	71,2	68,4	75,9
Equipamentos públicos	7,6	10,0	3,3
Casa de parentes/amigos	13,4	13,2	13,7
Outros	7,4	8,1	6,2
Ignorados	0,5	0,2	0,8

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 17 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por valor do aluguel (em reais), Boa Vista, 2017

Valor do aluguel (em reais)	Total
Total	100,0
até R$300	56,0
de R$301 a R$500	31,6
acima de R$500	12,3

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

A grande maioria (71,2% do total) mora em residência alugada, sendo que 87,6% pagam aluguel de até 500 reais mensais e apenas 12,3% pagam mais de 500 reais. A tabela 16 mostra, ainda, que 7,6% moram em equipamentos públicos (ginásios e abrigos coletivos) e 13,4% moram em casa de parantes e amigos. No campo "outros", alguns relataram morar em invasões e situações peculiares.

A tabela 18 mostra a quantidade de pessoas que dividem a residência com o entrevistado:

Tabela 18 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo número de moradores em uma mesma residência, Boa Vista, 2017

Número de moradores	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Mora sozinho	7,7	9,3	5,0
de 2 a 4 moradores	46,1	44,6	48,5
de 5 a 7 moradores	26,7	25,0	29,5
de 8 a 10 moradores	6,2	6,4	5,8
11 moradores ou mais	11,4	12,5	9,5
Ignorados	2,0	2,2	1,7

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Cabe ressaltar que 11,4% dos entrevistados relatou morar com 11 ou mais pessoas e, desses, a quantidade era bem grande, segundo relatos vindos do campo, com indivíduos dividindo a residência com 20 pessoas ou mais. Cerca de 46,1% relataram morar com 2 a 4 pessoas.

Com relação a condição de ocupação, a tabela 19 assim coloca:

Tabela 19 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo condição de ocupação no trabalho no Brasil, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Empregado	28,4	28,9	27,4
Conta-própria	31,7	33,3	29,0
Desempregado	35,4	35,0	36,1
Outros	3,5	1,7	6,6
Ignorados	0,9	1,0	0,8

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

A porcentagem de desempregados é alta, com 35,4% dos indivíduos desempregados, muito acima da taxa oficial de desemprego da Venezuela, divulgada pelo IMF (2017), de 25,3% e muito acima da do Brasil, de 13,1% (IMF, 2017). Há um índice muito elevado (31,7%) de indivíduos que trabalham por conta própria, o que pode significar uma precarização do mercado de trabalho dos migrantes venezuelanos em Boa Vista. Segundo a tabela 19, apenas 28,4% dos entrevistados são empregados. Dos empregados, apenas 47,1% possuem carteira de trabalho assinada.

A tabela 20 mostra o ramo de atividade econômica daqueles empregados, empregadores (outros na tabela 19) e conta própria:

Tabela 20 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo ramo de atividade do trabalho no Brasil, Boa Vista, 2017

Ramo de atividade	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Serviços de alimentação	20,5	21,1	19,3
Comércio	36,5	35,4	38,5
Construção civil	12,3	17,5	3,0
Outros	30,7	26,0	39,3

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

36,5% são do ramo de comércio, apenas 12,3% da construção civil, sendo uma grande quantidade (30,7%) dentro de outros serviços, como trabalhadores do lar, trabalho sexual, outros serviços e indústria.

A tabela 21 mostra a remuneração média dos empregados e conta própria no Brasil:

Tabela 21 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo remuneração mensal no trabalho no Brasil, em salários mínimos, Boa Vista, 2017

Remuneração mensal (em salários mínimos)	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
menos de 1 salário mínimo	50,4	45,6	59,0
de 1 a 2 salários mínimos	44,0	47,3	38,1
acima de 2 salários mínimos	4,8	5,9	3,0
Sem remuneração	0,8	1,3	0,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

50,4% recebem menos de um salário mínimo[6], 44% recebem entre 1 e 2 salários mínimos e apenas 4,8% indicaram receber mais de 2 salários mínimos, ou seja, acima de 1.874 reais.

Com relação a quantidade de horas trabalhadas por semana, a tabela 22 assim mostra:

Tabela 22 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo número de horas que trabalha semanalmente no Brasil, Boa Vista, 2017

Número de horas	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
até 20 horas	6,4	4,6	9,6
Entre 20 e 40 horas	41,4	41,8	40,7
acima de 40 horas	52,1	53,6	49,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Pode-se despreender que a maioria dos venezuelanos não está empregada, cerca da metade não tem carteira de trabalho assinada, muitos ganham menos de 1 salário mínimo e 52,1% trabalham acima de 40 horas semanais. Interessante notar que 29,7% dos entrevistados relataram sofrer alguma prática discriminatória no trabalho. Desses que responderam sim, a tabela 23 mostra que boa parte foi por ser venezuelano:

6 O salário mínimo vigente durante a pesquisa (julho/agosto de 2017) era de R$ 937,00.

Tabela 23 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de discriminação sofrida no trabalho, Boa Vista, 2017

Tipo de discriminação	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Maior número de horas	15,9	16,1	15,6
Menor salário	16,7	20,7	8,9
Nacionalidade	62,9	58,6	71,1
Outras	4,5	4,6	4,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Além disso, 15,9% responderam que trabalham mais horas ou recebem menor salário (16,7%) que os brasileiros. Percebe-se números menores daqueles que recebem menos de um salário mínimo (50,4%) e que trabalham mais de 40 horas semanais (52,1%).

Ainda com relação ao mercado laboral, a tabela 24 mostra a distribuição relativa dos venezuelanos, segundo a dificuldade do português na inserção laboral:

Tabela 24 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a dificuldade do idioma na inserção laboral, Boa Vista, 2017

Dificuldade no idioma	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	52,9	52,9	52,7
Não	43,0	43,9	41,5
Não sabe	4,2	3,2	5,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Mais da metade (52,9% do total) relatou apresentar dificuldades e entendem que o idioma dificulta sua inserção laboral, contra 43% que disseram não ver problemas entre o idioma e sua inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, apenas 15,5% disseram estar estudando português. Os locais variam bastante, contudo, boa parcela destacou o Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações Internacionais (NAPRI) da UFRR, o Colégio de Aplicação (CAP) da UFRR e no Terminal do Caimbé, sendo locais de ensino de português como língua de acolhimento do Projeto Rede Acolher da UFRR.

O quinto bloco de perguntas, intitulado "Residência no Brasil", explorou perguntas como quais serviços públicos o imigrante utiliza no Brasil, se sofreu

alguma hostilidade, se sim, praticada por quem e principalmente se aceitaria deslocar-se para outro Estado do Brasil caso o governo brasileiro apoiasse[7].

A tabela 25 explora quais os serviços públicos que os imigrantes venezuelanos utilizam no Brasil. Como pode-se perceber, parcela significativa dos imigrantes venezuelanos utilizam ou já utilizaram os serviços de saúde, sendo 38,9% do total. Enquanto que 10,4% utilizam os serviços educacionais e 2,2% os serviços de assistência social. Vale ressaltar, ainda, que 48,4% não utilizam nenhum tipo de serviço público.

Tabela 25 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo serviços públicos que utiliza, Boa Vista, 2017

Tipo de serviço	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Saúde	38,9	38,4	39,9
Educação	10,4	8,8	13,0
Assistência social	2,2	2,3	2,2
Nenhum	48,4	50,6	44,9

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Em relação à hostilidade sofrida desde que os venezuelanos chegaram ao Brasil (tabela 26), compreende-se que 32,9% sofreram quanto à sua nacionalidade e 3,2% sofreram outro tipo de ato hostil.

Tabela 26 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de hostilidade sofrida, Boa Vista, 2017

Hostilidade sofrida	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Nacionalidade	32,9	34,3	30,5
Outra	3,2	2,5	4,5
Nenhuma	63,9	63,2	65,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

7 Sobre a questão do deslocamento, mais variáveis serão exploradas ao fim como condição de ocupação e escolaridade.

Importante destacar que um alto índice (63,9%) dos venezuelanos não sofreram nenhuma hostilidade. Correlacionando com a tabela acima, a tabela 27 mostra que, dos venezuelanos que sofreram hostilidades, 83,8% foram oriundos de cidadãos comuns brasileiros e 8,3% de servidores público. Há também uma parcela de 7,9% proveniente de outros.

Tabela 27 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quem praticou hostilidade, Boa Vista, 2017

Quem praticou	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Cidadão comum brasileiro	83,8	83,7	83,9
Servidor público	8,3	7,8	9,2
Outros	7,9	8,4	6,9

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 28 visa entender a aceitação de deslocamento para outro estado brasileiro, caso o governo apoiasse tal mudança. Um número significativo (77%) aceitaria se deslocar e 14,9% não aceitariam tal proposta. Mas há ainda 6,8% que não souberam dizer.

Tabela 28 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo aceitação de deslocar-se caso haja o apoio do governo brasileiro, Boa Vista, 2017

Aceitação	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	77,0	80,6	71,0
Não	14,9	12,0	19,9
Não sabe	6,8	6,4	7,5
Ignorados	1,2	1,0	1,7

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

O principal motivo para aceitarem esse deslocamento seria a possibilidade de emprego (79,6%), como mostra a tabela 29. Ao mesmo tempo que 11,2% concordariam se obtivessem ajuda econômica e 5,2% de ajuda com moradia. Apenas 4,0% aceitariam devido a outras condições.

Tabela 29 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a principal condição para aceitar o deslocamento, Boa Vista, 2017

Principal condição	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Possibilidade de emprego	79,6	80,7	77,6
Ajuda econômica	11,2	11,0	11,5
Ajuda com moradia	5,2	4,3	6,9
Outras	4,0	4,0	4,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Em relação àqueles que não aceitariam deslocar-se, somente 9,6% tem como principal razão possuir trabalho em Roraima. Ao passo que 37,2% relata estar integrado no estado, 38,3% prefere ficar próximo à fronteira e 14,9% do total tem outras razões, como pode-se ver na tabela 30:

Tabela 30 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a principal razão para não aceitar o deslocamento, Boa Vista, 2017

Principal razão	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Possui trabalho em Roraima	9,6	8,2	11,1
Estar integrado	37,2	36,7	37,8
Ficar a próximo a fronteira	38,3	38,8	37,8
Outras	14,9	16,3	13,3

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Quanto ao questionamento acerca do processo migratório, a tabela 31 mostra que a maioria dos venezuelanos (77%) repetiria e viria para o Brasil. 13,4% iriam para outro país e 8,2% não souberam afirmar.

Tabela 31 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo destino da emigração, Boa Vista, 2017

Destino da emigração	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Repetiria e voltaria para o Brasil	77,0	76,7	77,6
Iria para outro país	13,4	13,7	12,9
Não sabe	8,2	7,6	9,1
Ignorados	1,4	2,0	0,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

O bloco seis, intitulado de “remessas, vínculos transnacionais e expectativas futuras”, apresentou perguntas sobre se o migrante envia dinheiro regularmente à Venezuela, quanto ele envia, para quem o manda e como manda. Além de identificar qual é o uso do dinheiro, se alguma vez já regressou à Venezuela, se pretende retornar definitivamente ao seu país de origem, o que lhe motivaria a voltar, se no momento ele tem algum temor em retornar por conta da violência e, no caso de permanência no Brasil, o que ele pensa, principalmente, em fazer.

Tabela 32 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quantidade de dinheiro enviado mensalmente (em reais), Boa Vista, 2017

Valores (em reais)	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
até 100	37,3	35,9	40,0
de R$101 a R$500	54,2	55,1	52,5
acima R$500	8,5	9,0	7,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 32 mostra que mais da metade dos entrevistados (54,2%) envia entre R$ 101,00 a R$ 500,00, sendo apenas 8,5% os que enviam acima de R$ 500,00 e 37,3% enviam até R$ 1000,00 mensalmente. A quem se destina esse dinheiro (tabela 33) mostra que 10,2% dos entrevistados enviam para o cônjuge, 41,8% para os pais, 32,2% para seus filhos e apenas 8,2% enviam para irmãos. Também deve-se destacar que 7,6% fazem envio de dinheiro para outros familiares e/ou amigos.

Tabela 33 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo destinatário das remessas, Boa Vista, 2017

Destinatário	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Cônjuge	10,2	14,5	1,2
Pais	41,8	41,4	42,4
Filhos	32,2	30,1	36,4
Irmãos	8,2	8,1	8,5
Outros	7,6	5,8	11,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

As formas como eles enviam suas remessas, os entrevistados, em sua grande maioria (86,3%), relataram enviar por transferência bancária, apenas 12% envia por outras pessoas e 1,7% envia por outros meios.

O uso da remessa enviada está na tabela 34, uma grande parte (78,0%) envia para pagar gastos com família, como por exemplo, alimentação. A utilização para pagamento de dívidas são 9,4%, uso com gastos com educação é 1,5%, e para outros motivos 2,5%.

Tabela 34 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de uso das remessas, Boa Vista, 2017

Tipo de uso	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Pagamento de dívidas	9,4	8,9	10,5
Gastos com família	78,0	76,2	81,8
Gastos com educação	10,1	12,2	5,6
Outros	2,5	2,6	2,1

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Após as perguntas sobre como os entrevistados enviam as remessas, era questionado (tabela 35) se eles já haviam retornado alguma vez para Venezuela. Como a maior parte dos entrevistados chegou em 2017, 71,8% não havia retornado a Venezuela, 14,8% responderam que haviam retornado uma vez, 4,3% voltaram duas e somente 7,4% retornaram mais de duas vezes.

Tabela 35 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo número de vezes que retornou à Venezuela, Boa Vista, 2017

Número de vezes	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Uma vez	14,8	13,7	16,6
Duas vezes	4,3	4,9	3,3
Duas vezes ou mais	7,4	8,3	5,8
Nunca retornou	71,8	71,8	71,8
Ignorados	1,7	1,2	2,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Ao serem questionados sobre se possuem intenções de retornar ao seu país de origem, quase metade (46,7%) disseram que não tinham intenção de retorno, 24,8% responderam que tinham intenção de voltar a Venezuela e 27,4% não souberam responder essa questão.

Tabela 36 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo intenção de retornar definitivamente à Venezuela, Boa Vista, 2017

Intenção de retornar	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	24,8	24,0	26,1
Não	46,7	47,3	45,6
Não sabe	27,4	27,9	26,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Aos que pretendiam retornar definitivamente à Venezuela, 32,4% afirmaram que retornariam em menos de 1 ano, 20,9% disseram que voltariam entre 1 e 2 anos e, sendo quase a metade, 46,6% pretendiam retornar daqui a dois anos ou mais.

Os mesmos entrevistados que pretendiam retornar foram questionados também qual seria a principal motivação para voltar ao seu país (tabela 37), 61,3% afirmaram que voltariam se houvesse melhoria das condições econômicas, 22,5% afirmaram que retornariam se melhorasse as condições políticas e 16,3% iriam retornar por outros motivos.

Tabela 37 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo motivação para retornar definitivamente à Venezuela, Boa Vista, 2017

Motivação para o retorno	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Melhoria da condições econômicas	61,3	56,8	66,7
Melhoria da condições políticas	22,5	29,5	13,9
Outros motivos	16,3	13,6	19,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Por fim, a tabela 38 expressa sobre se os migrantes venezuelanos apresentavam algum temor em retornar a Venezuela. 20,9% afirmaram que não tinham medo de retornar.

Tabela 38 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo motivo do temor de retornar à Venezuela, Boa Vista, 2017

Motivo do temor	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Agentes do governo	20,6	20,5	20,8
Polícia	17,2	17,1	17,3
Forças armadas	13,9	14,0	13,6
Paramilitares/milícias	10,7	10,4	11,0
Criminosos	16,3	15,5	17,5
Outros	0,5	0,4	0,6
Nenhum	20,9	22,0	19,1

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Entre aqueles que apresentaram algum tipo de temor em retornar, diversos são ligados ao governo, como 20,6% dos entrevistados têm medo de sofrer alguma violência pelos agentes de governo, 17,2% pela polícia e 13,9% pelas forças armadas. Já 10,7% temem as milícias e forças paramilitares, 16,3% têm temor de sofrer violência por criminosos e apenas 0,5% afirmaram que temem por outros motivos. Vale ressaltar, também, que uma parte considerável afirmou que tinha medo de todos grupos listados no questionário.

Com relação à distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, percebe-se que, caso permaneçam no Brasil, o objetivo que eles mais almejam é conseguir um bom trabalho (62,9% do total), seguido de abrir o próprio negócio (14,6% do total).

Tabela 39 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo permanência no Brasil, Boa Vista, 2017

Principal objetivo	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Conseguir um bom trabalho	62,9	64,7	59,8
Fazer curso superior	9,1	8,6	10,0
Fazer cursos de capacitação	8,0	7,1	9,5
Abrir o próprio negócio	14,6	14,5	14,9
Outros	4,8	4,4	5,4
Ignorados	0,6	0,7	0,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pequisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Em seguida, apresentar-se-ão tabelas com cruzamento de variáveis. As tabelas 40 a 43 apresentam o cruzamento da variável "aceita se deslocar" com outras variáveis, como condição de ocupação e escolaridade.

A tabela 40 trata da divisão dos que aceitam e dos que não aceitam deslocar-se, segundo condição de ocupação, dos 78% que concordariam em se deslocar,41,9% estão empregados, 16,8% trabalham por conta-própria, 10,5% estão desempregados e 8,8% têm outra condição de ocupação.

Tabela 40 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Empregado	41,9	7,7	3,1	52,7
Conta-própria	16,8	2,6	1,4	20,8
Desempregado	10,5	2,6	0,9	14,0
Outros	8,8	2,3	1,4	12,5
Total	78,0	15,3	6,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Dentro de cada ocupação, a tabela 41 traz o percentual de quantos imigrantes querem ou não se deslocar. Dos empregados, 79,5% aceitariam o deslocamento para outro estado do Brasil, 14,6% responderam negativamente e 5,8% não sabem. Das pessoas que trabalham por conta-própria, 80,7% aceitariam, 12,6% não aceitariam e 6,7% não souberam responder. Pode-se observar que, apesar da condição do imigrante venezuelano ser desempregado, este apresentou um percentual menor que os demais citados anteriormente, em relação à aceitação de deslocar-se, em que 74,7% aceitariam deslocar-se, 18,7% não aceitariam e 6,6% não sabem.

Tabela 41 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo intenção dentro de cada condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Empregado	79,5	14,6	5,8	100,0
Conta-própria	80,7	12,6	6,7	100,0
Desempregado	74,7	18,7	6,6	100,0
Outros	70,4	18,5	11,1	100,0
Total	78,0	15,3	6,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Segundo a escolaridade dos venezuelanos, a tabela 42 trata do aceite ou não de deslocar-se, em que a grande maioria que aceitaria o deslocamento ou possui o ensino médio completo (24,8%) ou já possui o ensino superior completo (22,6%). Juntamente com as outras classificações de escolaridade, totaliza-se 78,2% dos imigrantes que aceitariam se deslocar.

Tabela 42 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação em deslocar-se, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Analfabeto	0,5	0,3	0,2	0,9
Ensino fundamental completo	3,4	1,2	0,2	4,7
Ensino fundamental incompleto	1,7	0,5	0,2	2,3
Ensino médio completo	24,8	3,7	1,7	30,2
Ensino médio incompleto	9,9	2,7	1,2	13,9
Ensino superior completo	22,6	4,4	1,7	28,7
Ensino superior incompleto	12,5	1,8	1,4	15,7
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	2,9	0,5	0,3	3,7
Total	78,2	15,1	6,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

A tabela 43 representa, dentro de cada nível de escolaridade, quantas pessoas querem ir para outro estado do Brasil. O menor percentual de aceite está entre os imigrantes analfabetos, em que apenas 50% aceitariam, já o maior percentual está entre os que a escolaridade é o ensino médio completo (82,3%).

Tabela 43 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo intenção dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Analfabeto	50,0	33,3	16,7	100,0
Ensino fundamental completo	71,0	25,8	3,2	100,0
Ensino fundamental incompleto	73,3	20,0	6,7	100,0
Ensino médio completo	82,3	12,1	5,6	100,0
Ensino médio incompleto	71,4	19,8	8,8	100,0
Ensino superior completo	78,7	15,4	5,9	100,0
Ensino superior incompleto	79,6	11,7	8,7	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	79,2	12,5	8,3	100,0
Total	78,2	15,1	6,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

As tabelas a seguir (44 a 49) apresentam o cruzamento da variável "escolaridade" com demais variáveis, como "condição de ocupação", "ramo de atividade" e "remuneração mensal".

Com base na tabela 44, percebe-se que, dos imigrantes que trabalham, há um total de 60% que estão empregados, sendo que a maior parte tem como escolaridade ensino médio completo (19,9%) ou ensino superior completo (18,3%).

Tabela 44 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por condição de ocupação, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Empregado	Conta-própria	Desempregado	Total
Analfabeto	0,2	0,0	0,5	0,7
Ensino fundamental completo	2,3	1,0	1,7	5,1
Ensino fundamental incompleto	0,7	1,0	0,9	2,6
Ensino médio completo	19,9	8,0	3,8	31,8
Ensino médio incompleto	5,2	4,7	3,1	13,1
Ensino superior completo	18,3	5,8	3,8	27,9
Ensino superior incompleto	10,6	3,1	1,9	15,7
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	2,8	0,3	0,0	3,1
Total	60,0	24,1	15,9	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Levando-se em consideração o percentual de empregados de acordo com a escolaridade, nota-se que a totalidade dos imigrantes pós-graduados ou estão empregados ou trabalham por conta-própria, mesmo que em áreas diferentes de sua formação, sendo que o índice de desempregados com este nível de escolaridade é 0%. Já a grande maioria de analfabetos está desempregada., com apenas 25% deles empregados e nenhum trabalhando por conta-própria.

Tabela 45 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por condição de ocupação, segundo condição dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Empregado	Conta-própria	Desempregado	Total
Analfabeto	25,0	0,0	75,0	100,0
Ensino fundamental completo	44,8	20,7	34,5	100,0
Ensino fundamental incompleto	26,7	40,0	33,3	100,0
Ensino médio completo	62,6	25,3	12,1	100,0
Ensino médio incompleto	40,0	36,0	24,0	100,0
Ensino superior completo	65,6	20,6	13,8	100,0
Ensino superior incompleto	67,8	20,0	12,2	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	88,9	11,1	0,0	100,0
Total	60,0	24,1	15,9	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Ao verificar-se os imigrantes que exercem alguma função remunerada, 36,6% trabalham com comércio, prevalecendo novamente aqueles com ensino superior completo ou ensino médio completo.

Tabela 46 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por ramo de atividade, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Serviços de alimentação	Comércio	Construção civil	Outros	Total
Analfabeto	0,0	0,0	0,3	0,0	0,3
Ensino fundamental completo	0,5	1,5	1,0	1,3	4,4
Ensino fundamental incompleto	0,5	0,8	0,0	0,3	1,5
Ensino médio completo	5,2	10,1	4,6	10,3	30,2
Ensino médio incompleto	1,0	4,4	2,6	3,4	11,3
Ensino superior completo	8,0	11,6	2,8	7,5	29,9
Ensino superior incompleto	3,6	6,4	1,3	7,2	18,6
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	1,5	1,5	0,0	0,8	3,9
Total	20,4	36,3	12,6	30,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Relacionando diretamente o ramo de atividade exercida com a escolaridade, conforme a tabela 47, conclui-se que 100% dos empregados analfabetos trabalham em construção civil. Já entre empregados com outros níveis de escolaridade, a maioria trabalha com o ramo comercial.

Tabela 47 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por ramo de atividade, segundo ramo dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Serviços de alimentação	Comércio	Construção civil	Outros	Total
Analfabeto	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
Ensino fundamental completo	11,8	35,3	23,5	29,4	100,0
Ensino fundamental incompleto	33,3	50,0	0,0	16,7	100,0
Ensino médio completo	17,1	33,3	15,4	34,2	100,0
Ensino médio incompleto	9,1	38,6	22,7	29,5	100,0
Ensino superior completo	26,7	38,8	9,5	25,0	100,0
Ensino superior incompleto	19,4	34,7	6,9	38,9	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	40,0	40,0	0,0	20,0	100,0
Total	20,4	36,3	12,6	30,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Ao tratar da remuneração mensal, a partir da tabela 48 conclui-se que, dos imigrantes venezuelanos que recebem mais de dois salários mínimos, a maior parte possui ensino superior completo, sendo esta escolaridade a que também prevalece entre aqueles que recebem entre de 1 a 2 salários mínimos.

Tabela 48 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por remuneração mensal, em salário mínimo, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	< 1 S.M	1 a 2 S.M	2 S.M >	S/remuneração	Total
Analfabeto	0,3	0,0	0,0	0,0	0,3
Ens. Fund. Completo	3,4	1,3	0,0	0,0	4,7
Ens. Fund. Incompleto	0,8	0,0	0,5	0,0	1,3
Ens. Méd. Completo	16,8	12,1	0,8	0,3	30,0
Ens. Méd. Incompleto	6,3	3,9	0,8	0,5	11,6
Ens. Sup. Completo	11,6	16,3	1,8	0,0	29,7
Ens. Sup. Incompleto	8,9	9,2	0,5	0,0	18,7
Pós-grad. (Esp/mestr/dout)	1,3	2,1	0,3	0,0	3,7
Total	49,5	45,0	4,7	0,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.
Nota: o salário mínimo vigente correspondia a R$937,00 (novecentos e trinta e sete reais).

A partir da tabela 49, verifica-se que, dos imigrantes com escolaridade ensino fundamental incompleto que exercem atividade remunerada, 40% recebem mais que 2 salários mínimos, um percentual relativamente alto em comparação com os demais índices. Já entre os imigrantes analfabetos, 100% recebem abaixo de um salário mínimo. E, apesar de vários imigrantes possuírem pós-graduação, apenas 7,1% destes recebem mais de 2 salários mínimos.

Tabela 49 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por remuneração mensal, em salário mínimo[1], segundo remuneração dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	< 1 S.M	1 a 2 S.M	2 S.M >	S/remuneração	Total
Analfabeto	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Ens. Fund. Completo	72,2	27,8	0,0	0,0	100,0
Ens. Fund. Incompleto	60,0	0,0	40,0	0,0	100,0
Ens. Méd. Completo	56,1	40,4	2,6	0,9	100,0
Ens. Méd. Incompleto	54,5	34,1	6,8	4,5	100,0
Ens. Sup. Completo	38,9	54,9	6,2	0,0	100,0
Ens. Sup. Incompleto	47,9	49,3	2,8	0,0	100,0
Pós-grad. (Esp/mestr/dout)	35,7	57,1	7,1	0,0	100,0
Total	49,5	45,0	4,7	0,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

2.3. Considerações Finais

O movimento migratório venezuelano para Roraima é recente e causado, sobretudo, pelas crises econômica e política do país vizinho. O fluxo é recente, sendo que a maioria dos chegados ao Brasil vieram no ano de 2017. Conforme pode-se observar, a migração venezuelana não indígena para Roraima é composta, em sua maioria, por jovens em idade de trabalhar, predominantemente masculina, solteira, com bom nível de escolaridade, oriunda de 24 províncias venezuelanas, embora com concentração em Bolívar, Monaguás e Caracas.

São pessoas que tinham trabalho na Venezuela, entretanto, migraram, em primeiro lugar, em função da crise econômica, mas também dada a crise política. Uma pequena parcela fala o português, o que demandará políticas de ensino do idioma, de modo a proporcionar uma mais rápida integração à sociedade brasileira, apesar da falta do domínio muitos alegaram não estudar.

Como já era esperado, a maioria expressiva é composta por solicitantes de refúgio, sendo que 96% já possui algum documento brasileiro. A via do refúgio é a alternativa para aqueles sem recursos ingressarem com o pedido de residência temporária.[8]

Um pouco mais da metade possuía rede migratória no Brasil, em maior medida essa rede é composta por amigos, o que pode estar indicando que essas relações estão em formação dentro desse processo migratório. Um pouco mais da metade chegou ao Brasil desacompanhada, mas entre as mulheres, a maioria veio com filhos, o que chama atenção para possível exposição desse segmento a vunerabilidades e necessidades de políticas de acompanhamento escolar, creches e outros caminhos, com vistas a permitir que essas mulheres trabalhem no país.

Desse contingente, uma larga parcela destacou viver em moradia alugada, compartilhando o imóvel com outras pessoas e arcando com um custo de até R$300,00, em sua maioria.

Mais de 60% possui alguma atividade remunerada, atuando em maior medida no comércio e no serviço de alimentação, ganhando menos de um salário mínimo, apesar de aproximadamente 44% deles receberem entre 1 e 2 salários.

Entre os que trabalham, aproximadamente 40% já sofreu alguma discriminação em função de ser estrangeiro e relatam que o idioma é um dificultador para a inserção laboral.

Fora do trabalho, cerca de 35% já sofreu algum tipo de hostilidade, também em função de ser estrangeiro, e reportam que, em maior medida, o agressor é um cidadão brasileiro comum.

Um pouco mais da metade já acessa os serviços públicos em Roraima, destacadamente na área da saúde.

8 No momento de elaboração do relatório, a RN 126 encontra-se gratuita graças a uma liminar conferida pela Justiça Federal.

Uma ampla maioria aceitaria deslocar-se para outra Unidade da Federação, caso o governo brasileiro apoiasse, sendo o principal motivador a oferta de trabalho. Essa aceitação se daria independente de já estar empregado ou não e do nível de escolaridade. Cabendo destacar que as maiores resistências foram detectadas entre os desempregados e aqueles com menos escolaridade. Os motivos para não aceitação foi a proximidade da fronteira e por se considerarem integrados em Boa Vista.

Cerca de 55% já consegue enviar remessas de dinheiro para Venezuela, em maior medida para pais e filhos, em um montante entre R$ 100,00 e R$500,00, com a finalidade de ajudar no sustento desses familiares.

A maioria não pretende retornar tão cedo à Venezuela e aqueles que intentam fazê-lo condicionam à melhoria das condições econômicas, o que sinaliza que esses migrantes permanecerão em solo brasileiro por um bom tempo.

Quando perguntados sobre o temor de retornar, sobressaem os aspectos associadas à violência, especialmente os praticados por agentes do estado e criminosos comuns.

Nesse momento de elaboração do relatório, o fluxo migratório venezuelano é contínuo, sem precedentes e de grande volume, no entanto, o processo como um todo ainda é administrável, seja pela via da integração em Roraima, seja por políticas de interiorização com oferta de trabalho para aqueles que não foram absorvidos pelo mercado de trabalho local.

CAPÍTULO 3
PESQUISA QUALITATIVA

Elaine Moreira
Júlia Faria Camargo

3.1. Introdução

Esta parte do relatório tem como base um trabalho de campo junto aos Warao, povo indígena da Venezuela, que se encontra no Centro de Referência ao Imigrante (CRI), na cidade de Boa Vista, assim como aqueles em situação de rua nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. Esta última é cidade de fronteira com a Venezuela (marco de fronteira BV 8), a apenas 15 quilômetros de distância da cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén, capital do Município de Gran Sabana, Estado Bolívar.

Antes de se apresentar os dados de campo, mostrar-se-ão alguns dados bibliográficos que possam ajudar a compreender as mudanças e a circulação deste povo pelas cidades da Venezuela e, hoje, no Brasil. Lembrando que existem dois relatórios já realizados sobre esse tema, produzidos por antropólogo(a)s do Ministério Público Federal: um realizado com pesquisa no estado de Roraima e outro no estado do Amazonas. Por essa razão, os dados bibliográficos aqui apresentados priorizaram os dados das mudanças sociais na segunda metade do século passado, incluindo a circulação dos Warao nos espaços urbanos na Venezuela.

3.2. Os Warao e seu território

O povo Warao vive na Venezuela, na região do Delta do Orinoco. Sua população total, segundo censo de 2011, é de 48.771 pessoas, divididos nos estados de Delta Amacuro, Monagas e Sucre[9]. Segundo García-Castro (2005b), os Warao são: "Habitantes de humedales, ríos, caños y pantanos, su cultura y su existencia están ligadas permanentemente a este gran río, hasta en el nombre: Wirinoko, que se deriva de los vocablos Warao wiri = "Donde remamos" y noko = "Lugar". Tradicionalmente viviam de pesca, caça e coletas.

O Estado do Delta Amacuro é a mais importante desembocadura do país para o oceano, fazendo parte de uma administração especial (Área de Bajo

9 Outra fonte: "Actualmente, el 90% de la población warao se distribuye en el Estado Delta Amacuro y el resto en los Estados Bolívar, Monagas y Sucre. La población, según «Censo de Población y Vivienda», realizado por el Instituto Nacional de Estadística (INE) en 2001, censó 36.028 individuos, de los cuales 28.633 están asentados en comunidades y 7.395 en pueblos y ciudades criollas" (AMODIO; RIVAS; DOX, 2006).

Regime de Administracion Especial – ABRAE), também possuiu o Parque Nacional de Maruisa. Apesar disso, nos dados bibliográficos, o Estado de Delta Amacuro é apontado como sendo o estado com uma economia deprimida, com alto índice de mortalidade infantil e índice de analfabetismo. O Município de Antonio Dias do Delta Amacuro conta com cerca de 70 % da população Warao[10] **(**WILBERT; LAFÉE-WILBERT, 2007).

Os Warao historicamente desenvolveram embarcações e técnicas de navegação sofisticadas, assim como de pesca e manejo dos manguezais. Realizavam trocas e comércio com a população de Trinidad & Tobago até a sua proibição pelo governo da Venezuela, nos anos 1950 (LAFÉE-WILBERT, 2008). Também são indicados como a única população a ter desenvolvido o manejo e uso dos morichales/buritizais, com técnicas apropriadas para a confecção da *yuruna*, palma do buriti (WILBERT; LAFÉE-WILBERT, 2007). Apesar da sua presença nos documentos históricos coloniais, é no século XIX onde registra-se na bibliografia os impactos ambientais e sociais que nos ajudam a entender a sua presença no Brasil.

As missões católicas estão presentes nos relatos dos Warao no Brasil, os mais velhos estudaram ou passaram parte de suas vidas nelas, se referem às diversas Paróquias presentes no seu território nos dias atuais[11]. A relação com as missões, de forma mais permanente desde os anos 1920, não trouxe mudanças apenas na escolarização, vários trabalhos registram a introdução de um tubérculo ***Ocumo Chino (colacassia esculenta*)**, rico em carboidrato e presente até os dias de hoje em suas dietas. A agricultura buscou fixá-los e diminuir seu ritmo de coleta de mel, caranguejos e outros produtos de seu habitat.

As iniciativas da extração do petróleo dificultaram o acesso livre em seus territórios ancestrais, essa atividade também não registrou o emprego da mão de obra Warao. Contudo, as atividades de várias empresas petroleiras, nos estados de Monagas e Delta Amacuro, envolveu as atividades de prospecção, como explorações sísmicas, perfurações e outros, deixando como consequência a contaminação fluvial, a diminuição dos recursos pesqueiros, além das destruições de regiões de manguezais. Estudos registram essas atividades como responsáveis por danos ambientais e limites no acesso aos recursos naturais e ao seu território (WILBERT; LAFÉE-WILBERT, 2007).

Na região conhecida como Winikina, nos municípios de Antonio Dias e Tucupita, de onde se originam a maior parte dos Warao que estão no Brasil, a área tradicionalmente habitada por eles passou por mudanças estruturais com as atividades da indústria madeireira, plantações de arroz e indústria

10 Dados do censo de 2011 indicam que a população indígena em área urbana no estado do Delta Amacuro conta com 5.832 pessoas e na área rural 36.234. Ainda neste censo, a população Warao na Venezuela seria de 48.771 indivíduos.

11 Paróquia Manoel Renaud, foi a mais citada por eles, especialmente no grupo 2.

de alimentos. Essas atividades foram impulsionadas, em parte, pela estrada construída nos anos 1960. Tal estrada foi possível com a construção da barragem no canal Manamo em 1965-7 e possibilitou a conexão via terrestre entre as cidades de Maturín, Barrancas e Tucupita. Ao mesmo tempo, a barragem contribuiu para um processo de salinação das águas e a acidificação dos solos nos estados de Monagas (WILBERT; LAFÉE-WILBERT, 2007).

A plantação de arroz empregou indígenas Warao das regiões de Barranquilla, Morichito, España, Bamutanoko e Koberuna. Já a exploração da madeira empregava indígenas da região de Winikina/Araguabissi, canal Araguao. A serralheria, em 1957, passou a pertencer a Jose Manuel Renaud e, em 1988, essa extração teve uma redução de 60% de suas atividades, na região de Wikinina e Araguabissi.

Os Warao com trabalho fixo ou trabalhando diretamente na extração da madeira ficaram desempregados (LAFÉE-WILBERT, 2008). Nesse período, a empresa de palmito Tiquira Flores e, mais tarde, a Agroflorestal Guinikina, empregou parte da mão de obra indígena, porém, no final dos anos 1990, também diminui drasticamente sua produção.

Além desse problema socioeconômico, os anos 1990 registraram a epidemia da cólera na Venezuela. Tal epidemia atingiu a ilha de Mariusa, onde muitos foram deslocados para o Município de Barrancas e Tucupita para fugirem da morte (WILBERT; LAFÉE-WILBERT, 2007). Outro estudo afirma que essa epidemia deixou um saldo de 500 mortes entre a população Warao e uma incidência 30,4 vezes maior nos grupos indígenas, especialmente entre os Warao e Wayú (LAFÉE-WILBERT, 2008).

Se nos anos 1980 registra-se a ida de diversas famílias para centros urbanos e tentativas do Governo em conter este movimento[12] , no início dos anos 1990, portanto após o impacto da cólera, é o período em que se registra um movimento maior e uma diversificação nos destinos, envolvendo famílias que vivem nos centros urbanos como nos canais do Delta. Tal movimento chegou à capital Caracas, passando por Puerto La Cruz, Tigre, Valencia e outras cidades.

Segundo relatos e a bibliografia, a crise do trabalho assalariado em seu território tradicional, os danos ambientais e a epidemia da cólera contribuíram para esse movimento migratório e de maior mobilidade no interior da Venezuela. Além disso, mais recentemente, com a crise pela qual passa a Venezuela, muitos afirmam não conseguirem vender seus artesanatos por lá ou então dizem que se paga muito pouco pelo que se pesca, mesmo os peixes e pescados mais nobres.

Os Warao em situação de rua, por exemplo, não relataram ajuda do governo venezuelano ou políticas públicas específicas para eles, porém

12 Lafée-Wilbert (2008) informa que nos anos 80 o governo criou a "casa Indigena" em Tucupita, porém o número de pessoas que chegaram foi maior do esperado devido a crise e o lugar se tornou insalubre e foi fechado.

relatam políticas voltadas à educação indígena. Alguns Warao relataram terem parentes que trabalham na escola como professores, um dos que está em Boa Vista em situação de rua afirmou ter trabalhado na educação e na saúde, no entanto o salário já não permitiria sustentar a família.

Eles chegam no Brasil durante a crise em seu país de origem, mas com experiências diretas ou indiretas em diversas comunidades nos canais do Delta em passagens e viagens pelos centros urbanos venezuelanos. A vinda ao Brasil deu a eles uma mobilidade até então não registrada na bibliografia sobre este grupo.

O modelo Warao nos centros urbanos venezuelanos ainda parece ser o mesmo que se registra no Brasil: pedir dinheiro em pontos estratégicos (trabalho feminino) ou vender seus artesanatos. Viajam em famílias de modo a contar com homens que se encarregam de cuidar dos seus pertences, enquanto as mulheres trabalham nas ruas.

Vale ressaltar que, apesar destas dificuldades, todos os Warao, que foram encontrados para a pesquisa, falam sua língua materna, possuem fortes traços culturais nas técnicas de artesanato, e igualmente em suas curas tradicionais, seja por canto ou uso de plantas medicinais. Por último, a bibliografia também registra o contato dessa população com DST/Aids e a prostituição feminina em centros urbanos venezuelanos.

3.3. O Centro de Referência ao Imigrante (CRI)

A configuração do Centro de Referência ao Imigrante em Boa Vista está diretamente relacionada à presença dos Warao na cidade. Mesmo não representando a maioria da população venezuelana em deslocamento, afinal, estima-se que por volta de 700 a 800 Warao estejam no Estado de Roraima, a visibilidade deles nas vias públicas da cidade, muitas vezes, com mulheres carregando seus filhos pequenos no colo, sob o sol do meio-dia, acarretou um maior impacto entre os tomadores de decisão do governo local sobre a necessidade de se destinar um local para abrigar essa população.

A chegada dos Warao ao Brasil trata-se de um tipo migratório peculiar, uma vez que não há relatos de deslocamentos de indígenas em situação de refúgio para o Brasil. De acordo com dados elaborados pelo Ministério Público Federal, os primeiros Warao chegaram à Boa Vista em 2014, ano em que 33 Warao, em situação de rua, foram deportados pela Polícia Federal (BRASIL, 2017).

Esse mesmo parecer técnico nº 208/2017 aponta que, nos anos de 2014, 2015 e 2016, essas deportações continuaram ocorrendo, sendo que no último ano, no mês de dezembro, aconteceu o ato mais recente de deportação (BRASIL, 2017). Nesse caso, por volta de 450 Warao foram recolhidos das ruas, feiras e rodoviárias para serem devolvidos à Venezuela em ônibus que

os aguardavam no pátio da Polícia Federal. Antes de chegarem ao destino, contudo, uma decisão liminar da Justiça Federal impediu a deportação coletiva, trazendo-os de volta à cidade.

Ao chegarem na cidade de Boa Vista, o ponto de encontro dos Warao ficou estabelecido em dois locais: na Rodoviária Internacional José de Oliveira – BATON e na Feira do Passarão, uma feira de funcionamento diário, de venda de hortaliças, peixe, farinha e grãos, localizada no Bairro Caimbé, local que recebeu e ainda recebe boa parte dos venezuelanos que chegam à Boa Vista.

Com o aumento de pessoas em situação de rua, o Governo do Estado, por meio do seu recém estabelecido Gabinete Integrado de Gestão Migratória, em parceria com organizações não governamentais e órgãos públicos, criou o Centro de Referência ao Imigrante (CRI) para dar apoio aos venezuelanos que passaram a viver em Roraima.

As atividades do Centro tiveram início no dia 29 de novembro de 2016, na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Construção Civil e Imobiliário, no bairro São Vicente, zona Sul da capital. Lá eram oferecidas três refeições por dia para a população necessitada, administradas pela Organização não governamental Fraternidade Federação Humanitária, que se tornou a principal organização atuante no CRI.[13]

Um mês depois da criação do CRI, sem o resultado esperado de diminuir o número de pessoas em situação de rua e um pedido negado[14] pela Vara da Infância e Juventude da Comarca de Boa Vista, que solicitava tutela de urgência para crianças e adolescentes cujos pais pediam esmola nas ruas e semáforos pelo Ministério Público do Estado de Roraima (MPRR), o CRI mudou de local e foi reaberto no dia 28 de dezembro de 2016, no Ginásio Poliesportivo do Pintolândia, na zona Oeste de Boa Vista. O novo local teria uma função diferenciada do antigo, já que serviria agora como abrigo e dormitório para venezuelanos em situação de migração ou refúgio.

Nessa nova configuração do CRI, os poderes executivos estadual e municipal teriam responsabilidades distintas no cuidado das crianças e pessoas abrigadas. O estado seria o responsável em fornecer almoço e jantar, e o município deveria cuidar do abrigo e servir o café da manhã. Essas ações teriam como objetivo tirar as pessoas das ruas, de acordo com o comandante geral do Corpo de Bombeiros e coordenador estadual da Defesa Civil, coronel Edivaldo Cláudio Amaral.

Entretanto, em janeiro de 2017, o Tribunal de Justiça de Roraima fixou em R$ 2 mil por dia a multa por insistência no descumprimento da

13 De acordo com o website da organização, a Fraternidade é uma ONG de cunho cristão, que tem como um dos seus fundadores José Trigueirinho Netto, filósofo espiritualista, idealizador e fundador da Comunidade Figueira. Possui sede em Minas Gerais e o objetivo da "Missão Roraima Humanitária", que teve início em novembro de 2016, é se tornar uma "Missão Permanente que presta ajuda humanitária, material e espiritual, aos refugiados de diversos países. A maioria deles vindos da Venezuela.

14 Cf em Folha Web (2016).

decisão judicial que determinava que o Município de Boa Vista prestasse assistência aos venezuelanos, principalmente a crianças, que estavam no CRI. A assistência referida tratava-se do oferecimento às pessoas do abrigo do café da manhã pela Prefeitura de Boa Vista. O pedido de aplicação de multa foi feito pela Procuradoria Geral do Estado (PGE), que alegou que a Prefeitura Municipal de Boa Vista (PMBV) não estava cumprindo sua parte na decisão judicial.

No começo do mês de março de 2017 houve uma tentativa, por parte do Governo do Estado, em apresentar os indígenas Warao, que estavam no CRI, para lideranças indígenas de Roraima, com intuito de promover uma integração entre os povos, que pudesse gerar um tipo de acordo sobre moradia nas comunidades indígenas brasileiras. Por meio do Departamento de Políticas Indígenas, do Governo do Estado de RR, foi promovida uma interação cultural[15] com o povo Wapichana, da comunidade Canauanim, que se situa a 30 km de Boa Vista.

Algumas lideranças Warao do CRI participaram da Assembleia Geral dos Povos Indígenas de RR, entretanto, nenhuma das propostas obtiveram êxito e o discurso das lideranças indígenas de Roraima acentuou as diferenças entre os indígenas venezuelanos, que, diferentemente dos indígenas brasileiros, segundo eles, expõem suas crianças ao público no trabalho de pedir dinheiro e comida nas ruas.

No mesmo mês ocorreu uma audiência pública, no auditório Alexandre Borges da Universidade Federal de Roraima (UFRR), com o objetivo de dialogar e buscar soluções conjuntas a respeito do fluxo migratório. A ação foi promovida pelo Ministério Público Federal de Roraima (MPF-RR), pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) e pela 6ª Câmara de Coordenação e Revisão do MPF. Considerada a etapa final da missão organizada pelo MPF, formada por representantes do governo, sociedade civil e organismos internacionais do Sistema ONU, a audiência contou com uma expressiva contribuição da população venezuelana, indígena e não indígena.

O Gabinete Integrado de Gestão Migratória, criado para dar apoio aos migrantes por parte do governo do estado, encerraria suas atividades como previsto no decreto nº 21.871-E, em 15 de abril de 2017. Entre as notícias sobre o fechamento do CRI, ficou entendido que o centro deveria ser mantido pela Coordenadoria Estadual de Defesa Civil (CEDEC), com apoio da ONG Federação Humanitária Internacional. De acordo com o censo[16] realizado mensalmente pela fraternidade, à época o abrigo contava com 209 venezuelanos, sendo 143 indígenas, a maioria da etnia Warao, 66 não indígenas e 70 crianças.

15 Cf. em Melo (2017).

16 A ONG Fraternidade realiza mensalmente o censo do CRI e disponibiliza para os parceiros da sociedade civil, órgãos públicos e pesquisadores interessados. O censo é basicamente uma contagem populacional, não havendo registro especifico da população do abrigo. Um dos motivos é a falta de recursos humanos com experiência para nessa atividade e a transitoriedade das pessoas que utilizam o abrigo.

No mês de maio do corrente ano, algumas iniciativas da sociedade civil começaram a se tornar mais frequentes no CRI. Além do Projeto de Extensão Acolher[17] e outras organizações, a EMBRAPA e a UFRR auxiliaram na organização do espaço e doações de materiais para construção de postes para as redes na área externa do ginásio. Membros de diferentes entidades religiosas passaram a frequentar o abrigo e pessoas com iniciativas individuais passaram a trazer pequenas ajudas e doações.

No mês de junho, o CRI começou a se tornar preocupação efetiva do Governo Federal e de algumas organizações internacionais, como ACNUR e OIM, que iniciaram visitas ao espaço e organizaram reuniões com membros dos governos local e atores da sociedade civil. Entre os visitantes do Governo Federal estiveram no CRI: o ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, o ministro da Justiça, Torquato Jardim, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Franklimberg Ribeiro de Freitas, e diversas comitivas do Governo Federal. Houve o repasse de R$ 480 mil reais, oriundos do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA), em caráter emergencial para ser empregado apenas ao atendimento de pessoas que se encontravam no CRI.

Quanto à estrutura do CRI, é evidente a precariedade do local. Trata-se de um ginásio simples, sem estacionamento asfaltado, em que as famílias dividem o espaço de acordo com seus parentes e lideranças. Segundo a Fraternidade, o Governo do Estado não permitiu furar o piso interno do ginásio para colocar mastros para pendurar redes, o que faz com que os Warao durmam no chão, frequentemente, sem colchão. Algumas famílias conseguiram pendurar suas redes fora do ginásio e improvisaram sacos plásticos para fazerem uma espécie de tenda para se protegerem do sol e da chuva. O local é bastante quente e abafado, com a presença excessiva de insetos.

Existem poucos banheiros masculinos e femininos dentro do abrigo, normalmente eles apresentam problemas de entupimento, o que leva a maior parte da população a usar uma parte do entorno do Ginásio para as necessidades e para o banho, que ocorre em torneiras abertas na parte externa do ginásio. No mês de agosto foram doados dois bebedouros com cinco torneiras com acesso à agua filtrada, contudo, durante a pesquisa várias vezes foi notado o seu não funcionamento por falta de água.

Existe uma cozinha pequena, sem despensa e uma única geladeira, onde diariamente os Warao e não indígenas se revezam no preparo das três alimentações diárias, que são conseguidas por meio de doações para a Fraternidade. Muitas famílias que se encontram na parte externa do

17 O Projeto de Extensão Rede Acolher- apoio a pessoas em situação de refúgio ou migração no Estado de RR é um projeto da Universidade Federal de Roraima que oferece diversas atividades como orientação jurídica, aulas de português, tradução e produção de curriculum vitae e atividades de bem-estar para adultos e crianças em vários locais da cidade de Boa Vista.

ginásio e cozinham seus alimentos em fogareiros improvisados. Não existe área de alimentação ou lavanderia, nem escritório para a Fraternidade ou atendimentos especializados.

As crianças que não saem às ruas com as mães para realizar o trabalho de pedir doações nas vias públicas, ficam no abrigo. O cuidado e responsabilidade por essas crianças são obrigações do grupo familiar ou da liderança a que seus parentes estão ligados. Durante pesquisa de campo, foi notado o caso de duas crianças cujos pais estavam em Manaus e, as mesmas, estavam sob os cuidados do grupo familiar, uma prática comum entre algumas comunidades indígenas, que consideram o cuidado das crianças uma ação coletiva.

Figura 1 – Parte interna do CRI em julho de 2017

Fonte: CAMARGO, Julia (2017). Acervo pessoal.

As crianças correm no ginásio, jogam bola, brincam de estarem em barco ou tomando banho de rio, jogam "pincha" – uma espécie de jogo que lembra as bolinhas de gude, só que jogada com tampas de garrafas pet -, cantam e rezam orações cristãs e músicas tradicionais em Warao com os membros da Fraternidade. De acordo com a ONG, quase a totalidade de crianças e adolescente que se encontram no CRI não estão matriculados nas escolas públicas de Boa Vista, embora muitas frequentassem as escolas de suas comunidades ou cidades que habitavam na Venezuela. Os motivos para esse fato se encontram na falta de documentação necessária para a matrícula e o receio de não dominar o idioma português.

Como todo espaço, a configuração do abrigo também segue uma lógica de poderes e dinâmicas, sendo que indígenas e não indígenas não compartilham os mesmos espaços. Os não indígenas costumam ficar ao lado direito do abrigo, da metade até o final do Ginásio, próximos à cozinha.

E os Warao dominam o resto da área, mas ficam agrupados de acordo com suas famílias e lideranças. Atividades desenvolvidas pelo Projeto Acolher no CRI, como por exemplo aulas de português, não costumam ter público misto, ou Warao ou não indígenas frequentavam as aulas.

Outro ponto interessante de se notar sobre a relação dos Warao com o CRI é que, mesmo longe de seus territórios, é possível observar, diariamente, suas práticas culturais, espirituais e relacionadas ao sagrado nessa nova dinâmica do viver. Durante a pesquisa, foram observadas rodas com cantos tradicionais, danças, rezas, rituais e produção de artesanatos no espaço do CRI.

Não existe controle de entrada e saída do CRI, os portões ficam abertos e recentemente, desde o final de julho, uma viatura da guarda municipal fica no estacionamento do Ginásio. A dinâmica diária do abrigo obedece várias regras que devem ser seguidas pelas pessoas que se encontram no local. De acordo com uma das lideranças Warao, existem cinco regras que devem ser obedecidas por todos: a) organizar o local; b) não utilizar bebidas alcoólicas; c) não usar drogas; d) não brigar; f) não sair na rua com crianças.

O processo decisório possui cinco atores principais que estabelecem as relações de organização do CRI: são quatro lideranças Warao, a que os grupos familiares estão ligados e que, em conjunto com membros da Fraternidade, tomam as principais decisões sobre questões do dia a dia.

Durante a pesquisa de campo foi observada uma tomada de decisão sobre a retirada de uma família Warao cujo pai estava sendo acusado de roubo. Nesse caso, tratava-se da acusação de furto de um celular e do armazenamento de uma quantia de quase R$ 1000,00. A decisão tomada pelo grupo foi a expulsão da família, que decidiu retornar à Venezuela.

Figura 2 – Parte externa do CRI em julho de 2016

Fonte: CAMARGO, Julia (2017). Acervo pessoal.

Por fim, em menos de um ano de funcionamento, o CRI passou por diversos impasses sobre sua funcionalidade, objetivos, público-alvo, parceiros e responsáveis sobre o local, consequências diretas da ausência de uma política pública ou plano efetivo dos poderes municipal, estadual e federal frente ao fluxo migratório venezuelano. Por outro lado, a instabilidade do local foi contrabalanceada pela presença da sociedade civil, por meio de ONGs, projetos sociais e também pela necessidade, falta de opção e persistência, principalmente do povo Warao, que continuou habitando e trazendo mais pessoas para o local.

3.4. Os Warao no Centro de Referência ao Imigrante

Para iniciar a pesquisa de campo identificou-se as lideranças Warao que se encontram no CRI com o apoio da Fraternidade. Atualmente, existe no CRI quatro lideranças, todos do sexo masculino e com idade acima dos 30 anos, que são considerados os *aydamo* (chefe, cacique ou líder) dos grupos familiares que vivem no espaço.

Foi interessante compreender que o movimento de se tornar líder ou *aydamo* ocorre com o processo migratório, nenhum dos quatro exercia esse papel em suas comunidades de origem, no entanto, eles exerciam alguma influência política ou social, atuando como professores, lideranças secundárias e pescadores. Ressalta-se que, no decorrer das entrevistas, foi identificado um senhor Warao que exercia o papel de *aydamo* em sua comunidade na Venezuela, mas não o exercia no CRI ou não era reconhecido como tal nesse ambiente.

De acordo com essas lideranças, no CRI, eles são responsáveis pelos grupos familiares que chegam ao abrigo e essa responsabilidade é compartilhada de acordo com os locais de origem de onde esses grupos pertencem na Venezuela ou de acordo com o grau de parentesco que possuem. Para ilustrar essa relação, um único *aydamo,* em agosto de 2017, estava responsável por um grupo de aproximadamente 170 pessoas no CRI, com a expectativa da chegada de um novo grupo familiar composto por mais de 20 pessoas.

Essas quatro lideranças são os atores políticos reconhecidos pela Fraternidade e as principais decisões e resoluções de conflitos do CRI contam com a participação deles, conforme já exemplificado quando se tratou sobre a configuração do abrigo.

Entre os Warao que se encontram no CRI, há famílias originárias de três estados que se situam na região do Delta do Orinoco: Delta Amacuro; Monagas e Sucre. De acordo com os *aydamos*, a maior parte da população Warao que migrou para o Brasil pertence ao Estado Delta Amacuro, em segundo lugar há um contingente de Monaguas e poucos provém de Sucre. São provenientes

de cidades como La Baba, Tucupita, Antônio Diaz, comunidades ou *caños* (afluentes ou braços do Rio Orinoco), como Araguabisi, Mariusa, Espanha, etc.

O principal motivo de habitarem o CRI é a alimentação diária. A respeito do que poderia ser melhorado, as sugestões dizem respeito aos conflitos que ocorrem entre os moradores, principalmente entre indígenas e não indígenas, a superlotação do espaço e a necessidade de mais ofertas de aulas de português.

Outro motivo da escolha em habitar o CRI, mencionado por eles, são as visitas de profissionais da saúde, que ocorrem semanalmente. Embora não se tenha relatos da condição de saúde dos Warao na Venezuela, muitos chegam ao CRI em situação de fragilidade visível, com feridas na pele causadas pelo sol, algum tipo de infecção, micoses, piolho e casos mais graves de desnutrição infantil, observadas principalmente em um novo grupo familiar que chegou em agosto de 2017.

Praticamente o acesso aos serviços de educação e saúde recebidos pelos Warao são aqueles que chegam até o abrigo, ou quando existe algum caso grave, relacionado à saúde, que, com a ajuda da Fraternidade, são encaminhados para o hospital infantil, Hospital Geral de Roraima ou Casa do Índio.

O acesso à alimentação também é realizado via Fraternidade, que recebe doações de alimentos, para o café da manhã, almoço e jantar. Vale ressaltar que, durante a pesquisa de campo, nem sempre as três refeições diárias eram garantidas, faltando ora o café da manhã, ora havendo escassez de alimentos para o almoço e jantar. Algumas famílias cozinham sua própria refeição em fogareiros improvisados na parte externa do ginásio. E entre as preferências alimentares estão o frango, peixe e a Coca-Cola, que compram com os recursos obtidos por meio de doações.

Sobre as dificuldades e a adaptação à nova rotina, os Warao que moravam nos *caños*, em sua maioria, disseram sentir falta das ferramentas de trabalho integradas à natureza, principalmente buritizais ou *morichales*. Contam sobre a fabricação das canoas, do artesanato, da pesca e dos alimentos provenientes dos *morichis*.

É relevante considerar a relação sagrada com a natureza, no caso dos Warao, especificamente com os buritizais e o rio. Para os Warao, o buritizal é o regulador de todo ecossistema, incluindo os ventos, o regime de pesca, a época das chuvas, etc. O usufruto dos buritis obedece a uma lógica de preservação, essa relação está firmemente presente nos desenhos das crianças que revelam o imaginário dessa convivência com a natureza e também nas brincadeiras diárias no pátio do ginásio que, frequentemente, são relacionadas à água e simulações de estarem em um barco pescando, porém feito com cadeiras de plástico.

Figura 3 – Criança Warao mostra desenho com referências à cultura do seu povo

Fonte: CAMARGO, Julia (2017). Acervo pessoal.

3.5. Situação dos Warao do Centro de Referência ao Imigrante antes de migrarem

A fome, consequência da insegurança alimentar na Venezuela, é o principal argumento dos Warao quando perguntados sobre o projeto migratório. Outros argumentos utilizados são a ausência de serviços públicos relacionados à educação e saúde e ao descaso do governo venezuelano com os indígenas. "No hay comida" é uma das frases mais relatadas quando perguntados sobre o porquê de estarem no Brasil e a frase pode ser um indicativo também da percepção geral a respeito da crise que afeta a Venezuela.

Os relatos apontam que deixaram parte da família, como mãe, irmão, filhos, em suas comunidades, muitas vezes com a função de cuidar dos bens materiais, e migraram acompanhados de outra parte da família, com o intuito de enviar recursos, sejam eles dinheiro, comida, roupas e sapatos para os que ficaram na Venezuela. É constante a preocupação com os entes familiares, lamentam a falta de informação sobre os que ficaram e expressam a vontade de trazê-los para o Brasil.

A respeito da situação que se encontravam antes do projeto migratório, foi constatado que realizavam atividades laborais, não formais, nas comunidades e cidades que habitavam ou próximas às comunidades, em funções como engraxates, pedintes nas ruas (função relatada por mulheres), venda de artesanatos, de canoas, de produtos alimentares advindos do Buriti, como farinha ou uma espécie de mel e da pesca.

Em se tratando da pesca e da produção de artesanato, duas atividades laborais essenciais na cultura Warao, o agravamento da crise Venezuelana fez com

que a procura e compra desses produtos diminuíssem e o preço deles fossem reduzidos. Essa situação, somada à economia hiperinflacionada, fez com que o retorno financeiro não permitisse a compra de outros produtos, principalmente alimentícios. Igualmente, foi relatada a escassez e dificuldade de se encontrar os produtos que utilizavam para a realização dos seus trabalhos, como a linha para os pescadores. Nenhuma referência foi tecida a respeito de projetos sociais governamentais específicos para a população indígena na Venezuela.

3.6. A construção do projeto migratório dos Warao do Centro de Referência ao Imigrante

A escolha do Brasil como destino trouxe diversas respostas, contudo, a decisão em migrar, em grande parte, foi construída a partir de reconhecimentos de outros Warao com histórias bem-sucedidas em suas vindas para o Brasil.

Uma das lideranças Warao, com a qual teve-se contatao, relatou que a escolha do Brasil como destino, a partir de 2016, se espelha em um Warao chamado Renot Rattio, que, em uma viagem ao Brasil no início daquele ano, obteve sucesso na venda de artesanatos e também nas arrecadações de roupas e alimentos. Ao retornar para a Venezuela, contou esse feito para seu grupo e passou a incentivar a vinda de outros Warao. Na segunda vinda à Roraima, Renot se estabeleceu com seu grupo no CRI por alguns meses, onde foi reconhecido como liderança e, posteriormente, partiu para Manaus, onde ficou mais alguns meses. Atualmente, de acordo com os relatos, Renot foi um dos primeiros Warao a chegar em Belém, onde se encontra com um grupo pequeno que o acompanhou.

Os Warao desconhecem antecedentes de migração internacional entre sua etnia, relatam que havia mobilidade entre as comunidades indígenas e cidades próximas às suas comunidades na Venezuela. Por exemplo, ouviu-se relatos de um Warao que habitou uma cidade e três comunidade distintas antes de migrar para o Brasil.

É provável, que os Warao, que historicamente possuíam uma mobilidade constante na Venezuela, possam estar apresentando essa característica em território brasileiro, visto a flexibilidade do povo Warao estar em Boa Vista, Manaus e Belém, em um tempo aparentemente escasso para reconhecimento geográfico desde suas chegadas.

A materialização econômica do projeto migratório conta com recursos de vendas de bens próprios, alguns contaram que venderam geladeira, televisão, celular. Igualmente tiveram suporte das finanças geradas pelo próprio trabalho e vindas de familiares, aos quais são prometidos o envio de recursos ao chegarem no destino desejado.

Para chegar ao Brasil, os Warao percorrem uma longa distância, do Estado venezuelano Delta Amacuro até a cidade de Boa Vista são totalizados 925 km. Barco, ônibus e caminhada são as estratégias de locomoção utilizadas no percurso. O ponto de partida da maioria é a cidade de Tucupita, sendo seu acesso, para quem vem das comunidades, feito por via fluvial. A partir daí a viagem é terrestre, por ônibus ou carona. Leva-se quase um dia de viagem saindo de Tucupita até Santa Helena de Uairen, cidade fronteiriça com Pacaraima, no Brasil.

Ao chegarem em Santa Helena, o caminho para Pacaraima é escolhido a partir de duas opções: ou entram pela fronteira oficial, passando pelos postos de fiscalização e pela Polícia Federal para a obtenção do visto; ou por caminhada entre a região das serras, a fronteira não oficial. Muitos, por receio de terem o visto negado ou por temerem a permissão para uma estadia menor do que três dias, acabam fazendo a passagem para o Brasil por meio das serras.

A ida para Boa Vista também é feita por meio da escolha entre duas opções: uma caminhada exaustiva, que, segundo relatos, leva por volta de três dias; ou transporte rodoviário, normalmente táxis coletivos que fazem esse serviço, cobrando um valor de R$ 50,00. Muitos são os relatos da condição desumana da caminhada, com mães carregando crianças pequenas no colo, sob a condição de fome, sede e insolação.

Figura 4 – Rota dos indígenas Warao para o Brasil

Fonte: Vera (2016).

Para uma melhor compreensão dessa trajetória, foi solicitado a uma das lideranças Warao para explicar a trajetória por meio de ilustrações, que abarcaram também o cotidiano anterior ao projeto migratório, como a produção das canoas e remos a partir do Buriti. A família, composta por quatro membros: marido, esposa e dois filhos, partiu da comunidade de Mariusa, que fica situada no Delta Amacuro, no dia 5 de dezembro e chegou à Boa Vista, na Feira do Passarão, no dia 14 de dezembro de 2016.

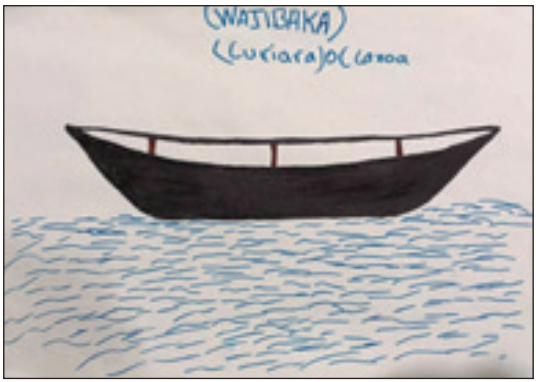
Figura 5 – Comunidade de Mariusa

Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 6 – Processo de aproveitamento do Buriti

Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 7 – Produção de canoa a partir do tronco do Buriti



Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 8 – Produção de remo a partir do Buriti

Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

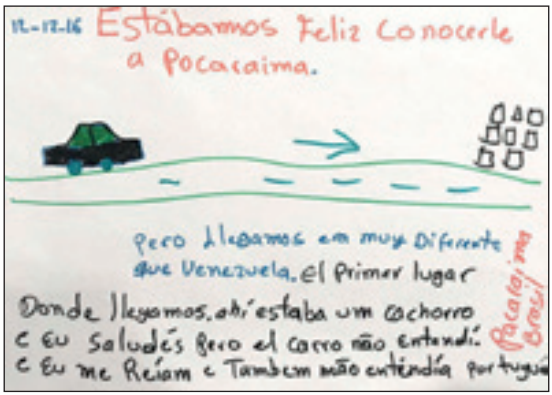
Figura 9 – Viagem de Mariusa a Tucupita

Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 10 – Viagem de Tucupita a San Felix

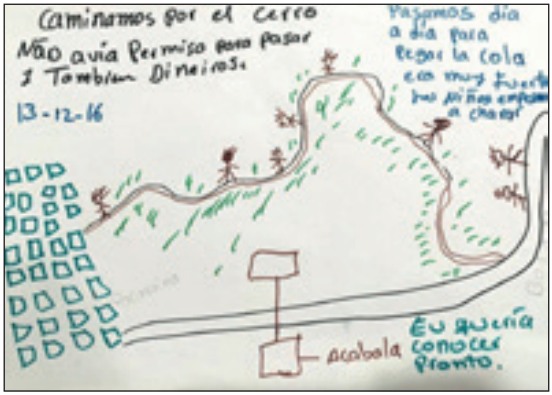
Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 11 – A chegada a Pacaraima



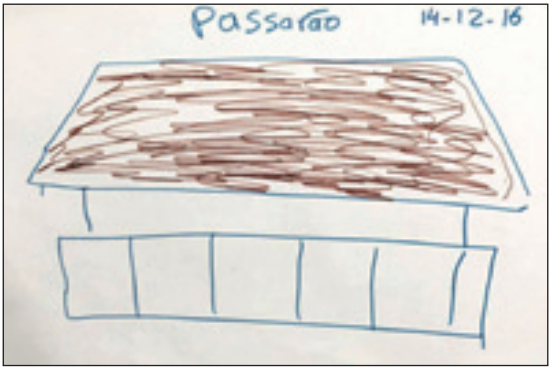
Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 12 – Travessia Pacaraima – Boa Vista pela fronteira não oficial



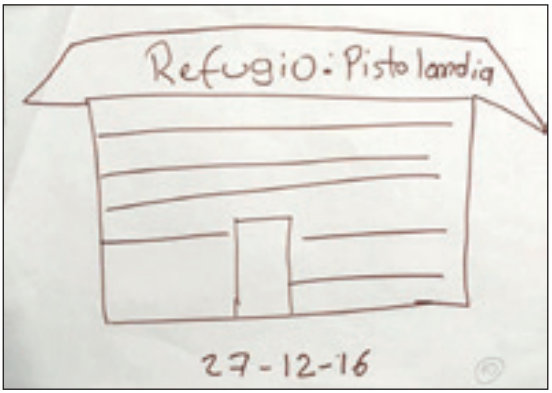
Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 13 – A chegada à Feira do Passarão em Boa Vista



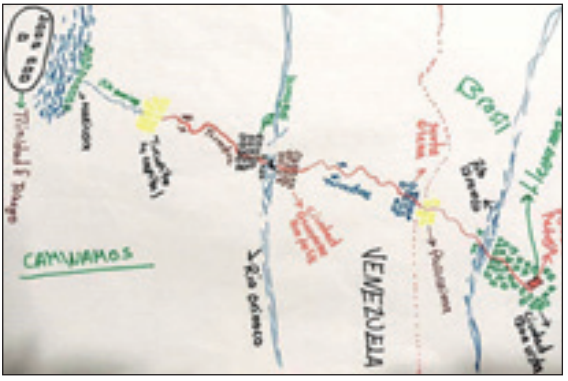
Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 14 – A chegada ao CRI



Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

Figura 15 – Síntese do roteiro



Fonte: Desenho de um senhor Warao do CRI (2017).

3.7. Trajetória laboral dos Warao do Centro de Referência ao Imigrante

Uma breve revisão da trajetória laboral aponta os trabalhos que realizavam na Venezuela e pode-se citar, entre os homens: fabricadores de canoas, pescadores, engraxates, fazedores de pequenos serviços, trabalhadores temporários, vendedores de artesanatos e alimentos. Já entre as mulheres as atividades laborais se caracterizam de forma geral com o fazer artesanatos, costurar e fazer roupas, pedir dinheiro e doação de alimentos e roupas em locais públicos.

Na cidade de Boa Vista, considerando o grupo que se teve contato, apenas um Warao do sexo masculino continua realizando o mesmo trabalho de engraxate que realizava na Venezuela, os demais encontram-se não exercendo atividades laborais, mas afirmam poder e querer trabalhar em qualquer coisa. Já entre as mulheres há uma maior incidência de continuidade dos trabalhos que realizavam antes de migrar. Continuam pedindo doações em vias públicas, quando possuem materiais para artesanatos e tecidos, doados à Fraternidade por meio de campanhas junto à sociedade civil, costuram roupas, fazem colares e pulseiras de miçanga.

Um ponto em comum, entre homens e mulheres Warao entrevistados, a respeito de como facilitar o acesso ao mercado de trabalho brasileiro, trata-se do acesso ao Buritizal para coletar fibras para fazer cestarias, redes, bolsas; para produzir alimentos, como *yuruma* (farinha) e mel e também fabricar canoas e remos.

Sobre o acesso à documentação no Brasil, condição essencial para o acesso ao mercado de trabalho, a referência apresentada por eles é o protocolo de agendamento do pedido de refúgio, embora alguns entrevistados não possuam documento algum. O documento venezuelano apresentado é a cédula de identidade, que apresenta informações sobre a etnia e a comunidade de origem do seu portador.

Por fim, um ponto que merece destaque é o desejo dos Warao em aprenderem a língua portuguesa como forma de acesso ao mercado de trabalho. Nota-se um esforço no aprendizado da língua portuguesa e na habilidade de compreensão do idioma que estão em contato pela primeira vez.

A maior parte dos Warao, que se encontra no CRI, tem o Warao como primeira língua e o espanhol como segunda. Quando perguntados sobre o interesse em aprender português, a resposta é afirmativa e expressam o desejo de uma maior oferta de aulas sobre o idioma no CRI. A exceção a essa observação são alguns senhores e algumas senhoras de idade mais avançada, que dominam exclusivamente a língua Warao.

3.8. Avaliação do projeto migratório dos Warao do Centro de Referência ao Imigrante

De forma geral, todos afirmam ter maior qualidade de vida no Brasil, quando comparado com a vida que tinham na Venezuela, posteriormente ao agravamento da crise no país. Conforme já relatado, o fator principal desse bem-estar é a oferta de alimentação diária. Quando perguntados sobre planos migratórios futuros as respostas variam entre retornar para a Venezuela somente quando a crise amenizar ou retornar apenas para buscar familiares para trazer para o Brasil. Em comum, desejam continuar em Roraima, de preferência na cidade e com condições econômicas para o auto sustento.

Poucos demonstraram interesse em reemigrar para outro estado brasileiro. A intenção de ir a Manaus, que já esteve mais presente nos planos dos Warao, parece estar sofrendo algumas modificações enquanto estratégia migratória. Identificou-se uma família no CRI que havia retornado de Manaus pelo motivo do abrigo no Amazonas estar lotado, por ter menos liberdade de entradas e saídas e não ter autonomia para fazer o fogareiro e cozinhar a própria refeição. Apenas um Warao afirmou ter planos de ir a Belém e que estaria economizando recursos para esse fim.

3.9. Os Warao em situação de rua

Figura 16 – Mulheres Warao em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

Figura 17 – Preparando ocumo em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

Figura 18 – Artesanato Warao em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

3.10. Dados do Município de Pacaraima

O município de Pacaraima foi criado em 1995 e instalado em 1997, conhecida também como BV-8, alusão ao marco Brasil-Venezuela n. 8, está localizado na fronteira com a Venezuela e possui uma área de 8.000km^2. O acesso ao município se dá pela rodovia BR 174. Pacaraima. Noventa por cento da área do município está no interior das Terras Indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol.

Nas Terras indígenas São Marcos vivem majoritariamente os povos Taurepang, Macuxi e Wapixana, já na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, os povos Macuxi, Ingaricó, Patamona e Wapixana[18]. A sede e a existência do município foram questionadas durante a demarcação das terras, há ainda hoje processos judiciais sobre a legitimidade e ampliação do espaço do município.

Nesse município encontra-se as autoridades aduaneiras, Polícia Federal e um Pelotão do Exército Brasileiro, além das autoridades do município. A atividade econômica é basicamente comercial, durante o campo, notou-se o predomínio de gêneros alimentícios no comércio, em muitas lojas o alimento apresentou-se junto com perfumes, roupas, entre outros, indicando que a maior procura de consumo no município é o alimento. Há também serviços para chamadas internacionais e envio de remessa monetária para a Venezuela, tais serviços estão distribuídos em pontos comerciais no centro da cidade. Registrou-se a mão de obra de venezuelano em restaurantes, padarias e outros comércios na cidade.

O município de Pacaraima é a primeira parada para muitos venezuelanos que chegam no Brasil. Há uma grande movimentação de táxi[19] que fazem o trajeto Pacaraima/Boa Vista, cerca de 220 km, além de um ônibus diário nesse mesmo trajeto. A maioria dos venezuelanos que chegam ao Brasil se dirigem a Boa Vista[20].

A presença dos Warao, nesse contexto, faz recordar relações já conhecidas pelas populações indígenas locais, mas em um período referido por estes como "antigamente", onde a relação de trabalhos maus pagos, alimentação e moradias precárias nos períodos de trabalho nas fazendas, marcavam a relação dos povos indígenas com os proprietários de terra. Os Warao logo despertaram o interesse por uma parcela da população local, como oferta de mão de obra barata, e a história de "antigamente" parece se reproduzir de forma a não provocar estranhamentos pelas autoridades locais.

18 O Estado de Roraima, conta com 11% de sua população Indígena.

19 A maioria dos taxistas são brasileiros e tornou-se uma oportunidade de trabalho masculina na região.

20 Na pesquisa realizada pelo ENAFROM, o município era considerado rota para as mulheres oriundas do norte do Brasil, para trabalharem em mineração ou no turismo sexual. Não se registrava o movimento inverso, ou seja, no momento do estudo eram pessoas brasileiras indo para a Venezuela.

3.11. Organização do espaço (rua) marcada pela origem na Venezuela em Pacaraima e Boa Vista

Para aproximar-se dos Warao, foram utilizados mapas da região do Delta Orinoco orientando-se as conversas sobre onde viviam, onde nasceram, onde estudaram, como chegaram. Alguns temas sobre trabalhos remunerados em Pacaraima, por exemplo, só apareceram depois de várias visitas na rua. Mesmo presenciando, no primeiro dia, a entrada de um casal Warao em um carro, ao perguntar sobre para onde iriam eles disseram não saber do que se tratava. Somente depois de vários dias um dos grupos relatou os trabalhos em outras localidades e também os taxistas disseram saberem que alguns Warao estariam trabalhando em fazendas.

A pesquisa de campo feita entre os Warao em situação de rua nas proximidades da Rodoviária do município de Pacaraima, realizado no mês de agosto deste ano, indica uma organização social do espaço aparentemente pouco visível à primeira vista. Há basicamente três grupos de famílias extensas[21], dividindo o espaço onde dormem, se alimentam e armazenam seus objetos, cada um desses núcleos tem origens em localidades diferentes na Venezuela.

Todos os indígenas falam Warao, apenas em um dos grupos registrou-se casamentos com homens não indígenas. Dividem a mesma fonte de água, que se reduz a uma torneira, e realizam passeios no entorno em busca do acesso aos rios e igarapés nas proximidades do município. No dia a dia compartilham dessa fonte improvisada nos arredores da rodoviária. Há diversos pontos de fogo/fogaréu improvisados e cada núcleo, com o uso de lenha coletadas, em uma base de ferro, apoia suas panelas e cozinha seus alimentos, arroz, frango, ***ocumo***, bananas, plátano, pão feito por eles e de padaria, refrigerantes (alimento que mais foi visto no seu consumo diário) (foto).

Não reclamam da fome no Brasil, e sim na Venezuela. Em cada grupo registra-se um acúmulo de objetos, roupas, em cestos ou sacos plásticos, além de colchões e redes. Esta mesma organização, ou seja, divisão no espaço por grupos de famílias extensas e localidades diferentes na Venezuela, cozinha por família e acesso à água, também registrou-se nas proximidades da Rodoviária de Boa Vista.

21 Envolvendo as vezes três gerações, avós (sogros) filhos (as), genros e noras, e seus netos.

Figura 19 – Mulher Warao preparando pão em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

3.12. Dados sobre as origens de localidades na Venezuela

Os dois primeiros grupos são do município de Antônio Dias e o terceiro da capital do Delta, município de Tucupita. Nos três grupos em Pacaraima, registrou-se idas e vindas, inclusive pessoas que passaram pelo abrigo em Boa Vista, como dito anteriormente. O custo do transporte para Boa Vista é de cerca de 50 reais, já de Pacaraima para Tucupita, se reduz a cerca de 11 reais, assim, o movimento maior de ir e vir parece seguir nesse sentido. Circulam pessoas, roupas, alimentos, as vezes remédios, sapatos e, no grupo de Tucupita, registrou-se os artesanatos, os outros dois grupos parecem ter, no trabalho remunerado, a sua maior motivação para permanecerem ali e realizarem suas idas e vindas. Algumas pessoas do grupo dois passaram nomes de três pessoas que estariam no Abrigo em Boa Vista, lá informaram que foram para Manaus. Aqui é importante relembrar o que foi dito sobre o histórico dos Warao na Venezuela, nota-se que sua região de origem, região de Wikinina, foi aquela atingida de perto por impactos de barragens, estradas, além dos impactos das atividades madeireiras e monuculturas de arroz e palmito, praticamente inexistente nos dias atuais. Abaixo segue uma breve descrição dos grupos em Pacaraima e em Boa Vista.

Em Pacaraima, os três grupos são:

Grupo 1: Arawabissi (Araguabissi), algumas pessoas nasceram em Morichito, Nabassanuka, no geral dizem vir de Wikinina.

O grupo é formado por grupos de irmãs, com seus esposos, com muitas crianças e adolescentes. Algumas famílias afirmaram que retornam em setembro, visto que é o período escolar para os filhos matriculados em

escola na Venezuela. Possuem um líder *aydamo*, o qual não estava presente, afirmavam apenas que ele estaria trabalhando. Algumas mulheres afirmam terem parentes no Abrigo em Boa Vista, mas elas, seus maridos e filhos ficariam em Pacaraima. Todos contam com outros filhos (as) que ficaram em suas comunidades na Venezuela.

Há histórias diferenciadas entre eles, vários estudaram o equivalente ao nosso ensino primário[22], uma das mães desse grupo falou ter vivido com uma família Equatoriana em Caracas, por cerca de um ano, depois voltou e se casou na sua comunidade, seu marido trabalha como jardineiro em uma escola e pretende voltar para Venezuela no mês de setembro. Entretanto, não descartam o retorno ao Brasil, seu marido, aqui, trabalha como descarregador de caminhões que chegam de madrugada na região. Seu grupo, por exemplo, conta com a família de seus irmãos (esposas e filhos), uma de suas cunhadas é sobrinha de uma pessoa de referência no CRI, em Boa Vista. Entre o grupo, algumas pessoas chegaram em janeiro de 2016 e outras em abril e maio deste ano.

Grupo 2: Também afirmam sua origem na Boca do Araguabisi, alguns nasceram e viveram em Macareo, España e Koberuna.

Nesse grupo registrou-se a presença de idosos masculinos e femininos, reconhecem um líder *aydano* entre eles, parentes deles estão no CRI em Boa Vista[23]. O grupo afirma não ter projetos de chegar a Boa Vista, em parte pelo custo, mas há outros motivos que serão tratados no item sobre os trabalhos remunerados.

Há um senhor que já foi cacique, afirma ter vindo para "ver com seus próprios olhos" e quando retornar em sua comunidade irá contar o que viu. Ele, por exemplo, está acompanhado por sua esposa, suas três filhas, alguns genros e netos. Diz já ter sido cacique, já ter trabalhado com madeiras, mas mantém na roça, além de trabalhar com práticas tradicionais de cura. Lamenta a situação de dificuldade na Venezuela, mas tampouco acha correto viver na rua em Pacaraima.

Pessoas do grupo dois, afirmam que as pessoas do grupo 3 não voltam para as suas comunidades, vivem a muito tempo na cidade, algumas teriam sua origem em Koberuna ("onde não se volta") e España. O tempo de permanência das pessoas também varia, duas mulheres adultas da comunidade da España, que haviam chegado a apenas alguns dias, foram as únicas que foram presenciadas pedindo dinheiro em restaurantes. Outras chegaram no mês de janeiro. Outros estavam ali há algumas semanas.

22 Alegam que para cursarem o ensino médio é necessário ter roupas, sapatos, uniformes e comprar material escolar, o que a situação atual não permite. Em geral, um ou dois filhos seguem seus estudos, muitos abandonam.

23 Chegando em Boa Vista, pode-se confirmar que seus parentes estavam em Manaus.

Grupo 3: Vivem em Tucupita, na periferia da cidade e alguns são de Koberuna

Esse grupo 3 apresenta uma maior mobilidade, entre Pacaraima/Tucupita, algumas pessoas já passaram dois meses no CRI em Boa Vista, em seguida, voltaram para Tucupita e retornaram em Pacaraima com muito artesanato. Afirmam não ter *aydamo*, ou líder, dado que não seguem mais essa organização. Foi nesse grupo que se registrou dois casamentos com não indígenas. Não se registrou a presença de idosos entre eles. Entre eles há duas mulheres adultas, com suas filhas, netos, sobrinhos adolescentes. Há famílias nucleares onde a mulher é Warao e o marido não é indígenas, esses casais estão com seus filhos menores. Nesse grupo, de forma mais visível, existe um acúmulo de latas de alumínio, não ficou claro onde são vendidos se no Brasil ou na Venezuela. Esse grupo igualmente recebia novas pessoas durante as visitas. Dois casais com seus filhos adolescentes tinham acabado de chegar. Pelos relatos, esse grupo conta com grande mobilidade entre Brasil e Venezuela, os homens não indígenas também buscam vender os artesanatos.

Observações gerais:

- Há uma socialização por gerações: jovens e adolescentes masculinos passam parte do dia separados dos adultos, mas à vista destes, crianças brincam juntas e os adultos trocam informações, principalmente entre o grupo 1 e 2, e especialmente entre as mulheres adultas. Em comum, todos possuem acesso ao café da manhã (pão com manteiga e café com leite) ofertado pelo Padre Jesus, nas proximidades da Rodoviária, de segunda a sexta feira.
- Há preocupação com as chuvas e a segurança durante a noite na rua.
- Não existem banheiros disponíveis para eles nas ruas, procuram na rodoviária algum apoio para o uso dos sanitários.

Grupo 4. Warao na Rodoviária de Boa Vista

Os Warao na rodoviária também se organizam pela sua origem na Venezuela. Os que estão atrás da rodoviária são de Lokano, Barasanuka, e os que estão ao lado da rodoviária vieram de Barrancas, Kuariroro (Município Antônio Dias). Esse grupo afirmou não ter familiares no CRI em Boa Vista.

Figura 20 – Rodoviária Internacional de Boa Vista-Roraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

Figura 21 – Cuidando das roupas em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

Figura 22 – Preparação de alimentos em Pacaraima

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

3.13. O Acesso ao trabalho diferenciado: localidades e gênero

Em Pacaraima a renda maior parece ter origem no trabalho masculino, a tarde é possível vê-los dormindo em suas redes, já que o trabalho é realizado na madrugada. Há poucas mulheres pedindo nas ruas. Portanto, há uma inversão com a situação em Boa Vista, onde os homens não encontram trabalho com frequência e as mulheres estão em maior número nas ruas. Na fronteira, diversos tipos de trabalhos precários, porém com certa regularidade, são acessíveis aos homens, as mulheres pedem dinheiro nos restaurantes da cidade, no entanto, viu-se pouco esse movimento. Há homens que trabalham como engraxates; vários deles (adultos e jovens) trabalham no descarregamento de carretas que chegam na fronteira. Existem, ainda, homens que estão trabalhando em fazendas e sítios[24], segundo alguns deles, estariam em duas localidades, Surumu e Quilometro 100.

O Quilometro 100 dá acesso ao município de Amajari, Surumu refere-se tanto ao ex- Município de Surumu, hoje comunidade indígena do Barro, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, mas o nome também é dado ao Malocão da Terra Indígena São Marcos, na beira da BR 174, onde pode ser um ponto de encontro e oferta de mão de obra. As mães com filhos nessa situação dizem que os carros vêm buscá-los em Pacaraima. Uma delas afirma não ter notícias de seu filho há 4 meses. Alguns jovens ainda esperam que os patrões voltem para pagá-los o que foi prometido. Já no trabalho noturno, descarregar garretas (em geral com toneladas de mantimentos), cada homem que participa desse trabalho recebe em média de 15 a 20 reais por carreta, esse trabalho é disputado com outros venezuelanos e as vezes os Warao acabam recebendo em bolívar, dinheiro não aceito na maioria do comércio em Pacaraima. Nota-se que o bolívar é usado entre eles mesmos (compra de cigarros ou outro bem

24 Nesse trabalho disseram receber 600 reais por dois meses de trabalho, embora a promessa fosse de 800 reais.

que se comercializa entre os próprios Warao) ou quando se deslocam a Santa Helena onde compram alimentos, entre eles o apreciado *ocumo*, tubérculo que não pode atravessar a fronteira, mas eles conseguem ter acesso a ele.

O quadro muda muito para a Rodoviária de Boa Vista, onde quem trabalha, segundo eles, são as mulheres, ao saírem nas ruas para pedirem dinheiro. Os homens ficam e cuidam dos pertences e das crianças que ficaram com eles.

3.14. Acesso à saúde, informações e orientação sobre documentação diferenciado em situação de rua e abrigo

Em Pacaraima, eles não recebem nenhuma assistência médica, a não ser que se dirijam ao hospital, isso tem ocorrido quando alguém passa mal e o quadro é considerado grave por eles. Mas não existe nenhum serviço ou programa voltados para eles, mesmo que a presença Warao nessas condições, já fora registrada desde o final do ano passado. Na rodoviária em Boa Vista, tampouco contam com serviços oferecidos a eles.

A maioria dos entrevistados afirma possuir cédula de identidade e as crianças a certidão de nascimento, diferente do que se diz no CRI, os pais afirmaram que as crianças têm seus documentos, incluindo o caso de um documento onde uma criança está sendo acompanhada por um parente. Na rua, onde estão vivendo, dizem serem muitos assediados por fotos e informações, especialmente os de Pacaraima, ao manter contato muitos queriam dar os seus nomes e de seus filhos para que fossem registrados nas anotações da pesquisa, esperando, com isso, algum benefício. Há registro de crianças em Pacaraima que já nasceram no Brasil[25].

Figura 23 – Warao (Rodoviária Internacional de Boa Vista)

Fonte: MOREIRA, Elaine (2017). Acervo pessoal.

25 Não foi presenciada situações de crianças ou adolescentes desacompanhadas de pessoas adultas, em geral tio e tias ou avos estão responsáveis por eles. Contudo, há pais que tiveram pedidos de deixarem suas crianças aos cuidados de não indígenas da localidade do Quilometro 100, essas informações precisam de uma atenção.

3.15. Expectativas

A fome ainda é a grande justificativa para o deslocamento, e acredita-se que ainda não se tem a dimensão do que isso significa, afirmam não conseguirem nem pedir dinheiro ou vender seus artesanatos como antes. Alguns que afirmaram ter plantações e roças (grupo 1 e 2 em Pacaraima), afirmam que irão retornar, contudo, integrantes de suas famílias ficarão e seguirão com a busca de trabalho remunerado. Os que possuem trabalho fixo, como foi o caso de um dos pais de família do grupo 1, também retorna para a Venezuela, mas afirma voltar ao Brasil, dado que o que ganha não é o suficiente para manter os filhos. Todos têm familiares na Venezuela que não vieram ainda, parece, contudo, haver um rodízio, principalmente entre os jovens adultos, que já não estudam e não tem possibilidade de encontrar trabalho remunerado nas localidades de origem.

3.16. Sociedade civil: projetos de apoio aos migrantes

Na semana do trabalho de campo, dois projetos se destacavam: a Pastoral do Migrante, que tem o seu escritório funcionando próximo à rodoviária, atendendo venezuelanos indígenas e não indígenas. Além da oferta do café da manhã – naquela semana foram distribuídas 25 cestas básicas. O Outro projeto está voltado às crianças venezuelanas em situação de riscos, além dos Warao, algumas famílias venezuelanas também se encontram em situação de rua, muitas mães trabalham vendendo café nas ruas de Pacaraima. Miriam Blós, coordenadora do projeto, trabalha com a formação de um coral de crianças, três dias da semana elas se encontram na sede da associação, Casa da Música, para cantarem, ali é servido um lanche para as crianças e no sábado um almoço. Nesse dia são distribuídas cestas com alimentos para as famílias de todas as crianças do coral, cerca de 40. Na distribuição que se presenciou, as cestas constavam apenas com arroz e farinha, doados pela Defesa Civil. O projeto também cadastrou as famílias e a documentação das crianças. A Coordenadora buscou a vacinação pelo município para as crianças do coral, mas a resposta teria sido que ali não teriam crianças brasileiras. A idade do grupo do coral varia entre 4 e 15 anos. Entre estes, 10 são Warao. As crianças Warao se dirigem a pé até a sede da associação, as demais, em geral, são acompanhadas por um familiar. Até o momento da pesquisa não havia sido iniciado a construção do "abrigo" a ser construído pela prefeitura em parceria com o ACNUR.

3.17. Diferenças entre a vida no abrigo e na rua

Registrou-se várias queixas sobre o abrigo em Boa Vista, entre elas: muita gente, muita conversa, muita briga, não se pode sair nas ruas, não se pode trabalhar, não se pode fazer a sua comida e, em especial, não querem

permanecer com os "criollos". O tema da alimentação não parece ser algo menor entre eles, fazer a comida a sua maneira, comer juntos é também a forma de cuidar e reforçar seus laços. Em Pacaraima, várias mulheres se dirigem até Santa Helena para comprar produtos de sua preferência, como o *ocumo* que não se encontra do lado Brasileiro. Isso não é algo particular dos Warao, a questão do que se come e com quem se come sempre foi um tema de atenção entre muitos povos indígenas. O líder do grupo dos Warao que retornou ao Abrigo em BV, depois de passar por Manaus, alegou que a queixa maior ao abrigo em Manaus seria não poder fazer a sua própria comida. As queixas que registradas foram todas expressadas pelos Warao em situação de rua e não por aqueles que estão instalados no CRI.

3.18. Nota sobre o Povo Panare (Eñape)

Povo de língua Karibe, conta com uma população em torno de 5000 pessoas[26], na Venezuela, divididas em 40 comunidades (VILLALÓN, 2007), no Município Cedeño no Estado Bolívar. Ainda segundo Villalón (2007), um número significativo de E'ñape trabalham por períodos curtos como trabalhadores agrícolas durante a estação seca. Alguns sugerem que até os anos 60 conseguiram manter seu padrão tradicional de vida (caça, pesca, coleta e agricultura), mantendo-se em seu território tradicional:

> Preferían vivir en el pie de monte, o en las sabanas o bosques de galería cercanos o intercalados entre las cumbres selváticas. Esta predilección por los espacios de transición les permitía explotar una amplia gama de nichos ecológicos que van desde las sabanas y llanuras bajas hasta las grandes elevaciones del bosque húmedo tropical, y desde los morichales y quebradas hasta los afluentes importantes de la banda sur del río Orinoco (VILLALÓN, 2007).

Contudo, nos anos 60, registrou-se mudanças nesse território com consequência no padrão de assentamentos e no livre acesso aos recursos naturais desse mesmo território. Alguns autores sinalizam: o ingresso de missões católicas (conca do rio Cuchivero) e evangélicas (Novas tribos[27]; rios Colorado, Maniapure, Turiba e Chaviripa); e abertura e exploração intensa de minas de diamantes por não indígenas com consequências ecológicas e sanitárias além das construções de estradas[28]. Tais mudanças

26 "llama la atención un incremento poblacional de 50% aproximadamente en los últimos veinte años, cuando la población e'ñapa pasa de 2.379 individuos en 1982 (República de Venezuela 1985) a 4.040 en 2001" (VILLALÓN, 2007), segundo dados do censo de 2011 sua população seria de 4688 pessoas.

27 Segundo a bibliografia esta missão de origem norte americana não trabalha mais na região. Também se registra a mendicância e prostituição nesta população na VE (Freire 2007:30).

28 Desde Maripa hasta Caicara del Orinoco, y desde allí hasta El Tigre (Municipio Cedeño), San Juan de Manapiare y Puerto Ayacucho (FREIRE, 2007).

incentivaram a venda de mão de obra desse povo, além da venda de artesanatos e produtos agrícolas, provocando igualmente mudanças na sua dieta devido a redução de caça e outros produtos locais.

As políticas de educação e saúde também geraram um processo de assalariamento de parte desta população. Os Panare que foram encontrados em Boa Vista, afirmam ter passado por outras cidades, chegando a viver por cerca de um ano na *Cuidad Bolivar*. Os trabalhos eventuais que conseguiam já não eram mais acessíveis, não trabalhavam na saúde e na educação indígenas, assim como a venda de seu artesanato não encontra mais espaço na economia das cidades venezuelanas e por isso afirmam terem sido impulsionados a virem ao Brasil. Percebe-se que os Warao os reconhecem e dizem "eles são diferentes".

Os Panare se instalaram na rodoviária, entretanto, guardam seu espaço diferenciado, possuem igualmente objetos diversos, mas em quantidade muito menor que os Warao, seus pertences são mais simples e suas roupas bem usadas. Trata-se praticamente de um casal de idosos com seus filhos, noras e netos, o homem mais velho disse que outros quatro filhos ficaram na Venezuela, porém espera que eles possam vir até o Brasil. Dizem que querem vender o artesanato.

3.19. Warao e Panare (Eñape) e outras redes

Registra-se um movimento de migração para o Brasil desde 2014, na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Atualmente esta população está presente na cidade de fronteira, o município de Pacaraima (RR), assim como em Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Belém (PA).

Durante o trabalho de campo, no Município de Pacaraima, nos foi relatado a presença de outro grupo indígena, cerca de 20 pessoas do Povo Panare (língua-Karibe), ocorreu de encontrá-los na cidade de Boa Vista, acampados na Rodoviária Internacional da capital de Roraima. Esse grupo possui língua e cultura diferenciada dos Warao, com origem em territórios bem diferenciados entre eles, enquanto os Warao são do Delta, os Panares são povos da floresta. Fabricam arcos e flechas e buscam vender nas ruas de BV, diferentemente dos Warao, são os homens quem saem as ruas para vender, os mais velhos compreendem e falam um pouco o espanhol, as mulheres falaram muito pouco, o jovem adulto é quem mais se comunica em espanhol, todos falam sua língua materna. A justificativa da vinda ao Brasil não é diferente dos Warao, dificuldade em vender seus artesanatos e adquirir mercadorias e alimentos em seu país.

Também se conversou com Ye'kuana (língua Karibe), que vivem na Venezuela e estavam de passagem em BV, não estão pedindo a permanência no Brasil e muito menos em situação de rua ou abrigo, dado que contam com seus parentes no lado brasileiro. Entretanto, mudaram a rota para venda de artesanatos, Boa Vista e Manaus passam a ser os pontos de vendas procurados

por eles, passam pela fronteira em Pacaraima ou enviam suas lindas peças a parentes do lado brasileiro para que possam vender seus artesanatos. Visitando uma das lojas que comercializam seus artesanatos em Boa Vista já é possível notar o aumento da oferta de seus produtos, além destes já se pode encontrar os produtos dos Warao, como redes e diversos cestos no mesmo comércio.

Esta diferença entre os Ye'kuana e os indígenas em situação de abrigo e rua, indica uma diversidade na rede de relações com os povos indígenas do lado brasileiro, pois tanto os Warao, como os Panare, não estão localizados nas fronteiras física dos estados nacionais, não tendo, assim, relações de parentescos com a população indígena do lado brasileiro, de certa forma eles parecem viver em uma *zona de fronteira,* onde precisam negociar suas diferenças e seus projetos.

Na Rodoviária de Boa Vista, segundo os próprios Warao, teria-se cerca de 70 pessoas, além dos 20 Panare que chegaram na segunda quinzena de agosto em Boa Vista, se apoiando igualmente nas imediações da rodoviária. Em Boa Vista, obtiveram-se contatos mais com os homens, eles afirmam não terem intenção de ir ao abrigo, gostariam de ter outro local, visto que alguns visitaram o abrigo e afirmam não ter espaço para mais pessoas. As informações entre o Abrigo e a Rodoviária parece ser feito mais entre as mulheres Warao que se encontram as vezes no seu trabalho, quase cotidiano, de pedirem dinheiro nos semáforos da capital. Também aqui os homens cuidam dos pertences e das crianças e pessoas mais velhas e permanecem mais imóveis que as mulheres. O pouco arrecadado diariamente é convertido em alimentos, nota-se uma maior escassez de alimentos na rodoviária de Boa Vista do que se pode registrar em Pacaraima. Embora eles afirmassem que "aqui tem comida", "estamos engordando", ironizavam.

Com esse trabalho preliminar, é possível afirmar que mais de 250[29] pessoas indígenas estão em situação de rua entre Pacaraima e Boa Vista. Esse número pode ser maior devido a chegada constante de novas pessoas.

29 Soube-se que os Warao realizaram um auto censo e afirmam estar em Pacaraima 187 Warao (info: Projeto Casa da Música-setembro 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa buscou evidenciar as diferenças estratégicas encontradas pelos Warao em situação de rua e por aqueles acolhidos no Centro de referência ao Imigrante – CRI. Todos eles, nas duas situações registradas aqui, alegam a busca por uma alimentação digna para seus familiares, a busca por roupas e sapatos, a busca financeira para manterem a compra e venda de seus artesanatos, assim como suas preferências alimentares, de organização social e a necessidade de manter o vínculo com os parentes na Venezuela.

Nos discursos dos Warao em situação de rua e do CRI, afirmam estarem em busca de alimentação, trabalho, recursos financeiros, saúde, pois não conseguem isso no seu país de origem. Arriscaram-se em afirmar que não se veem como migrantes ou refugiados. Algumas poucas referências sobre refúgio ou migração foram ouvidas no CRI e acredita-se que a chegada de políticas públicas e ações sociais trouxeram essa temática para os Warao do abrigo. Contudo, ainda existe uma grande desinformação sobre refúgio ou residência humanitária, mesmo junto às organizações de apoio aos Warao.

O mercado de trabalho para o público masculino, encontrado em Pacaraima, parece não se reproduzir em Boa Vista, ao contrário, nota-se uma maior presença das mulheres em seu trabalho em diferentes pontos de grande circulação na capital. Os Warao no CRI não fazem críticas ao abrigo, apenas os que estão fora apontaram algumas críticas, mesmo os que retornaram de Manaus e se encontram novamente no CRI, criticam o abrigo de Manaus e não o de Boa Vista. Aqui tem-se um tema para aprofundar, em outras pesquisas, ou seja, a institucionalização do abrigo precisa ser aprofundada junto a esta população.

Outro tema a ser aprofundado é sobre a documentação das crianças, os que se encontram em situação de rua afirmam ter a documentação, já no CRI, dizem não ter. Isso pode estar relacionado ao entendimento do que seja a documentação, ou problemas que eles vivenciaram com a possibilidade da retirada das crianças, caso permanecessem nos sinais com o trabalho de pedir dinheiro. Tanto em Pacaraima, em situação de rua, como no CRI, tem-se o registro de nascimento de crianças Warao no Brasil, o que coloca um outro tema relacionado à documentação, pois estas crianças são brasileiras.

Os Warao se movimentam em famílias, as relações de parentesco e origem na Venezuela, organizam a sua distribuição espacial, no CRI ou nas ruas. O CRI conseguiu garantir algumas políticas públicas, como o acesso à saúde (vacinação, testes de tuberculose e HIV), projetos com a sociedade civil na área da aprendizagem do português, confecção para comercialização de roupas

e trabalhos com miçangas, entre outros. Os Warao em situação de rua, assim como os Panare (Eñape), estão à margem desses serviços. Apesar da dificuldade de viver em situação de rua, os Warao afirmam conseguir recursos (financeiros e materiais, como roupas, sapatos, artigos de cozinha) para poderem retornar junto aos seus parentes na Venezuela, porém deixando sempre parte da família no Brasil, por enquanto, não acreditam que as coisas mudem de repente em seu país de origem. E lembram sempre "los niños tienen que comer".

Por último, a chegada dos Warao a Roraima ressalta o ineditismo da temática da migração ou do refúgio indígena para a formulação de políticas públicas brasileiras e também para a reflexão das organizações internacionais envolvidas com esse tema. A formulação de propostas para acomodar essa especificidade, que é o deslocamento de populações tradicionais ou povos originários, deve passar pelo conhecimento prévio desses grupos, com a participação de seus representantes para que atuações específicas sejam formuladas. A presente pesquisa qualitativa abordou questões primárias a respeito dos Warao em Roraima e registra-se, por fim, a necessidade de que outras pesquisas sejam realizadas para que se possa ampliar o diálogo sobre essa questão contundente e desafiadora das relações internacionais contemporâneas.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário utilizado

PESQUISA: VENEZUELANOS EM RORAIMA

Número de identificação do questionário |___|___||___|

Nome do entrevistador(a) .....

Data da Entrevista.....

|___|___| |___|___| |___|___|___|___|

Nome da Pessoa

|___|___|___|___|___|___|___|___|___|___|___||___|___|___|___|
___|___|___|___|___|___|___|___

Local da Entrevista: .....
.....

Endereço do Entrevistandoando: .....
.....

CEP:……..

Telefone:……..……..

E-mail: ...……..

I. Características sociodemográficas

1. Antes de imigrar em que país/estado você residia ? ……....	**2. Idade** 1- Menor de 20 anos 2- 20 a 39 anos 3- 40 a 64 anos 4- 65 anos ou mais
3. Sexo: 1- Masculino 2- Feminino	4. Ano de Chegada ao Brasil……
5. Estado conjugal: 1- Casado/a 2- Com parceiro/a 3- Solteiro/a 4- Divorciado/a 5- Separado/a 6- Viúvo/a	
6. Seu/a companheiro/a ou Parceiro/a é: (apenas para quem respondeu 1 e 2 na pergunta anterior) 1- Venezuelano(a) 2- Brasileiro(a) 3- Outra nacionalidade. Qual?.....	**7. Escolaridade do entrevistado:** 1- Analfabeto 2- Ensino Fundamental completo 3- Ensino Fundamental incompleto 4- Ensino Médio completo 5- Ensino Médio incompleto 6- Ensino Superior completo 7- Ensino Superior incompleto 8- Especialização 9- Mestrado 10- Doutorado

II Características antes de emigrar

8. Qual a principal motivação para emigrar para o Brasil: 1- Crise Política 2- Crise Econômica 3- Busca de trabalho 4- Violência 5- Perseguição política 6- Estudos 7- Tratamento de saúde 8- Outro motivo. Qual?.....	**9. Alguém da sua família teve alguma experiência migratória ?** 1- Sim (passe para P10) 2- Não 3- Não sabe
10. Qual o tipo de parentesco– país de destino do familiar? (para quem respondeu 1 na pergunta 9) **Parentesco:** **Destino do familiar:** 1- Pais/avós ..... 2- Cônjuges ..... 3- Filhos ..... 4- Irmãos ..... 5- Outros	**11. Qual a sua condição de ocupação na Venezuela** 1- Empregado 2- Empregador 3- Por conta-própria 4- Desempregado 5- Aposentado 6- Trabalhador do lar (dona de casa…) 7- Estudante 8- Outros. Qual ……
12. Salário médio recebido na Venezuela? (em bolívares)	**13. Idiomas que domina além do espanhol?** ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Português 2- Inglês 3- Francês 4- Nenhum 5- Outro: ……

III. Decisão de emigrar para o Brasil

14. Sua chegada em Roraima representa sua primeira experiência migratória? 1- Sim (passar para P16) 2- Não	**15. Onde migrou anteriormente?** 1- Para outro estado na Venezuela 2- Para outro país Quais?…….. ***(Várias opções de respostas são possíveis)***
16. Antes de chegar a Roraima tinha algum contato aqui? 1- Sim 2- Não (Passar para P18)	**17. Qual tipo de contato?** ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Familiares 2- Amigos/Conhecidos 3- Instituições. Qual…… 4- Outros. Qual ……
18. Custo da viagem para o Brasil? (em bolívares)	**19. Quanto tempo tardou para chegar em Roraima?** 1- Menos de 24 horas 2- Entre 1 e 2 dias 3- Entre 3 e 5 dias 4- Acima de 5 dias
20. Qual o principal meio de transporte utilizado para chegar ao Brasil? 1- Carro 2- Ônibus 3- Avião 4- Andando 5- Outro. Qual?.....	**21. Veio acompanhado de algum familiar?** 1- Sim 2- Não (Passar para P23)
22. Quais familiares? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- cônjuge 4- irmão(s) 2- filho(s) 5- outro parente. Qual?..... 3- pais	**23. Utilizou a ajuda de intermediário/coiotes?** 1- Sim 2- Não

Continua...

Continuação

IV. RESIDÊNCIA E TRABALHO NO BRASIL

24. Qual o seu status legal no Brasil? 1- Solicitante de refúgio 2- Solicitante de residência (RN 126) 3- Residente 4- Estudante 5- Sem documentos 6- Outros. Qual ……	**25. Quais documentos brasileiros você possui?** ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Agendamento/ CITA 2- Protocolo de refúgio 3- Carteira de trabalho 4- CPF 5- RNE 6- Outros. Qual? …… 7- Nenhum
26. Condição de residência em Roraima? 1- Residência alugada 1.1 Valor..... 2- Equipamentos públicos (galpão, albergues...) 3- Casa de parentes ou amigos 4- Casa própria 5- Outras……	**27. Quantas pessoas dividem a residência?** 1- mora sozinho(a) 2- de 2 a 4 3- de 5 a 7 4- de 8 a 10 5- 11 ou mais
28. Qual a sua condição de ocupação no Brasil? 1- Empregado (passe P29) 2- Empregador (Passe P30) 3- Por conta-própria (Passe P30) 4- Desempregado (Passe P35) 5- Aposentado (Passe P35) 6- Trabalhador do lar (Passe P35) 7- Estudante (Passe P35) 8- Outros. Qual?.....	**29. Possui carteira de trabalho assinada?** 1- Sim 2- Não
30. Qual o ramo de atividade econômica? 1- Serviços de Alimentação/Hotelaria (restaurantes, hotéis e similares) 2- Comércio 3- Indústria 4- Serviço Doméstico 5- Trabalho sexual 6- Construção civil 7- Outros serviços 8- Outras atividades. Qual?.....	**31. Remuneração atual?** 1- Menos de 1 salário mínimo 2- Entre 1 e 2 salários mínimos 3- Entre 3 e 5 salários mínimos 4- Acima de 5 salários mínimos
32. Quantas horas trabalha na semana? 1- Até 20 horas 2- Entre 20 e 40 horas 3- Acima de 40 horas	**33. Percebe alguma prática discriminatória no trabalho?** 1- Sim 2- Não (passar para P35)
34. Qual tipo de prática discriminatória? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Mais horas de trabalho 2- Menor salário 3- Discriminação por ser venezuelano 4- Outras. Qual?.....	**35. Você acha que o idioma local dificulta a inserção e crescimento laboral?** 1- Sim 2- Não 3- Não sabe
36. Você tem estudado português? 1- Sim Onde: 1.1- NAPRI/UFRR 1.2- CCH/UFRR 1.3- CAP/UFRR 1.4- Acolher/Terminal Caimbé 1.5- Abrigo do Pintolândia 1.6- Outro. Qual?..... 2- Não	

V. RESIDÊNCIA NO BRASIL

37. Quais serviços públicos você utiliza no Brasil? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Saúde 2- Educação 3- Assistência social 4- Outros. Qual?..... 5- Nenhum	**38. Desde que chegou ao Brasil sofreu algum tipo de hostilidade:** 1- Sim Qual(is)? 1.1 Discriminação por ser estrangeiro 1.2 Racismo 1.3 Outra ..... ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 2- Não (passar para P42)
39. Quem praticou a hostilidade? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Cidadão brasileiro 2- Autoridade policial 3- Servidor público 4- Outros compatriotas 5- Outros.	**40. Caso o governo brasileiro apoiasse o deslocamento para outro estado do Brasil, aceitaria deslocar-se?** 1- Sim 2- Não (passar para P44) 3- Não sabe
41. Qual seria a principal condição para aceitar o deslocamento ? (passar para P45) 1- Possibilidade de emprego 2- Ajuda com o transporte/passagens 3- Ajuda econômica 4- Ajuda com moradia 5- Outro. Qual?.....	**42. Qual a principal razão em NÃO aceitar o deslocamento?** 1- Possui trabalho em Roraima 2- Está plenamente integrado em Roraima 3- Prefere ficar próximo à Fronteira 4- Outro. Qual?.....
43. Se tivesse que repetir o processo migratório, viria para o Brasil ou emigraria para outro país? 1- Repetiria e viria para o Brasil 3- Não sabe 2- Iria para outro país	

VI. REMESSAS, VÍNCULOS TRANSNACIONALES E EXPECTATIVAS FUTURAS

44. Envia dinheiro regularmente a Venezuela? 1- Sim 2- Não (passe para P51)	**45. Qual a quantidade de dinheiro que envia em média mensalmente a Venezuela?** 1- Até 100 reais 2- de 101 a 500 reais 3- de 501 a 1000 reais 4- acima de 1000 reais
46. A quem manda o dinheiro? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Esposo/Esposa ou companheiro(a) 2- Pais 3- Filhos 4- irmãos 5- Outros familiares 6- Outras	**47. Como manda o dinheiro?** ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Lojas de remessas 2- Transferência bancaria 3- Através de outras pessoas 4- Outro meio……
48. Qual o uso do dinheiro que manda? ***(Várias opções de respostas são possíveis)*** 1- Pagamento de dividas 2- Gastos do consumo da família (alimentação, roupa, eletrodomésticos…) 3- Gastos com a educação da família (escolas, cursos de idiomas…) 4- Outros **quais?** ……..	

49. Desde que chegou ao Brasil quantas vezes viajou a Venezuela? 1- Uma vez 2- Duas vezes 3- Mais de duas vezes 4- Várias vezes, sempre que necessito 5- Nunca voltei a Venezuela	50. Pretende retornar definitivamente à Venezuela? 1- Sim Em quanto tempo? 1.1 ( ) Menos de 1 ano 1.2 ( ) Entre 1 e 2 anos 1.3 ( ) 2 anos ou mais (passe para P53) 2- Não 3- Não sabe
51. O quê motivaria você a retornar definitivamente à Venezuela? 1- Melhoria das condições econômicas 2- Melhoria das condições políticas 3- Diminuição da violência 4- Outros motivos	**52. No momento, você tem algum temor em retornar ao seu país e sofrer alguma violência física ou psicológica? (*Várias opções de respostas são possíveis*)** 1- Sim Por quem? 1.1 ( ) Agentes do governo 1.2 ( ) Polícia 1.3 ( ) Forças Armadas 1.4 ( ) Paramilitares/Milícias 1.5 ( ) Criminosos 1.6 ( ) Outros..... 2- Não
53. No caso de permanecer no Brasil o que pensa, principalmente, em fazer? 1- Conseguir um bom trabalho 2- Fazer um curso superior 3- Fazer cursos de capacitação 4- Abrir o próprio negócio 5- Outros	

Observação de uso interno:
Outras observações sobre a entrevista por parte do entrevistador

Anexo 2 – Tabelas 1 a 49

Tabela 1 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo idade, Boa Vista, 2017

GRUPOS DE IDADE	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
18 a 19	2,9	2,9	2,9
20 a 39	72,0	73,3	69,7
40 a 64	23,0	21,8	24,9
65 e mais	0,9	0,7	1,2
Ignorados	1,2	1,2	1,2

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 2 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo estado civil, Boa Vista, 2017

Estado civil	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Casado	21,7	19,9	24,9
Com parceiro(a)	17,9	18,1	17,4
Solteiro(a)	53,8	56,4	49,4
Divorciado(a)/Separado(a)	4,5	3,7	5,8
Viúvo	0,8	0,2	1,7
Ignorados	1,4	1,7	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 3 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Analfabeto	0,9	0,5	1,7
Ensino fundamental incompleto	2,3	2,9	1,2
Ensino fundamental completo	4,8	5,9	2,9
Ensino médio incompleto	14,0	15,0	12,4
Ensino médio completo	30,5	30,9	29,9
Ensino superior incompleto	15,6	15,2	16,2
Ensino superior completo	28,4	26,7	31,1
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	3,5	2,9	4,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 4 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo estado de origem, Boa Vista, 2017

Província de origem	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Anzoátegui	13,1	14,7	10,4
Bolívar	26,3	25,7	27,4
Carabobo	7,4	5,4	10,8
Distrito Federal – Caracas	15,4	15,2	15,8
Monagas	16,3	17,4	14,5
Outros	19,9	20,6	18,7
Ignorados	1,5	1,0	2,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 5 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo ano de chegada ao Brasil, Boa Vista, 2017

Ano de chegada	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Antes de 2016	6,5	6,9	5,8
2016	24,0	22,3	27,0
2017	66,9	67,6	65,6
Ignorados	2,6	3,2	1,7

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 6 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo principal motivo da emigração, Boa Vista, 2017

Motivo da emigração	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Crise política	25,4	27,0	22,8
Crise econômica	51,0	48,8	54,8
Busca de trabalho	12,3	14,0	9,5
Outros motivos	10,8	10,0	12,0
Ignorados	0,5	0,2	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 7 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição na ocupação	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Empregado	51,8	56,6	43,6
Conta-própria	20,8	23,0	17,0
Desempregado	13,9	11,3	18,3
Estudante	5,9	4,2	8,7
Outros	6,6	3,7	11,6
Ignorados	1,1	1,2	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 8 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo idiomas que domina além do espanhol, Boa Vista, 2017

Idioma	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Português	22,7	23,1	21,9
Inglês	11,4	12,4	9,6
Nenhum	61,5	59,8	64,6
Outros	4,4	4,7	3,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 9 – Distribuição relativa dos venezuelanos, por sexo, segundo rede migratória, Boa Vista, 2017

Rede migratória	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Familiares	41,5	39,1	44,8
Amigos/conhecidos	58,0	60,9	54,0
Outros	0,5	0,0	1,2

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 10 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por migração familiar, segundo rede migratória, Boa Vista, 2017

Rede migratória	Migração familiar		Total
	Sim	Não	
Sim	32,9	26,8	59,8
Não	13,9	26,4	40,2
Total	46,8	53,2	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 11 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quais familiares tiveram alguma experiência migratória prévia, Boa Vista, 2017

Familiar	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Cônjuge	24,9	25,8	23,9
Filhos	28,6	15,3	42,8
Irmãos	21,6	30,0	12,8
Outros parentes	24,9	28,9	20,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 12 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo o principal meio de transporte para chegar ao Brasil, Boa Vista, 2017

Meio de transporte	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Carro	25,6	22,1	31,5
Ônibus	71,2	75,0	64,7
Outros	2,6	2,5	2,9
Ignorados	0,6	0,5	0,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 13 – Distribuição relativa dos venezuelanos, por sexo, segundo tempo de viagem, Boa Vista, 2017

Tempo de viagem	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Menos 24 horas	23,6	21,6	27,0
Entre 1 e 2 dias	56,9	57,8	55,2
Entre 3 e 5 dias	16,8	17,6	15,4
Acima 5 dias	1,7	2,0	1,2
Ignorados	1,1	1,0	1,2

Tabela 14 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo status migratório, Boa Vista, 2017

Status migratório	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Solicitante de refúgio	82,4	82,1	83,0
Solicitante de residência	5,5	5,4	5,8
Sem documentos	7,1	7,4	6,6
Outros	4,3	4,9	3,3
Ignorados	0,6	0,2	1,2

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 15 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo documentos brasileiros que possuem, Boa Vista, 2017

Tipo de documento	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Agendamento/Cita	8,1	7,9	8,6
Protocolo de refúgio	33,7	33,5	34,0
Carteira de trabalho	22,8	23,6	21,4
CPF	29,0	28,6	29,6
Outros	2,4	2,4	2,3
Nenhum	4,0	3,9	4,0

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 16 – Distribuição relativa dos venezuelanos por sexo, segundo condição de residência, Boa Vista, 2017

Condição de residência	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Alugada	71,2	68,4	75,9
Equipamentos públicos	7,6	10,0	3,3
Casa de parentes/amigos	13,4	13,2	13,7
Outros	7,4	8,1	6,2
Ignorados	0,5	0,2	0,8

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 17 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por valor do aluguel (em reais), Boa Vista, 2017

Valor do aluguel (em reais)	Total
Total	100,0
até R$300	56,0
de R$301 a R$500	31,6
acima de R$500	12,3

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 18 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo número de moradores em uma mesma residência, Boa Vista, 2017

Número de moradores	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Mora sozinho	7,7	9,3	5,0
de 2 a 4 moradores	46,1	44,6	48,5
de 5 a 7 moradores	26,7	25,0	29,5
de 8 a 10 moradores	6,2	6,4	5,8
11 moradores ou mais	11,4	12,5	9,5
Ignorados	2,0	2,2	1,7

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 19 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo condição de ocupação no trabalho no Brasil, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Empregado	28,4	28,9	27,4
Conta-própria	31,7	33,3	29,0
Desempregado	35,4	35,0	36,1
Outros	3,5	1,7	6,6
Ignorados	0,9	1,0	0,8

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 20 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos por sexo, segundo ramo de atividade do trabalho no Brasil, Boa Vista, 2017

Ramo de atividade	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Serviços de alimentação	20,5	21,1	19,3
Comércio	36,5	35,4	38,5
Construção civil	12,3	17,5	3,0
Outros	30,7	26,0	39,3

Fonte: Catédra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017

Tabela 21 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo remuneração mensal no trabalho no Brasil, em salários mínimos, Boa Vista, 2017

Remuneração mensal (em salários mínimos)	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
menos de 1 salário mínimo	50,4	45,6	59,0
de 1 a 2 salários mínimos	44,0	47,3	38,1
acima de 2 salários mínimos	4,8	5,9	3,0
Sem remuneração	0,8	1,3	0,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 22 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo número de horas que trabalha semanalmente no Brasil, Boa Vista, 2017

Número de horas	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
até 20 horas	6,4	4,6	9,6
Entre 20 e 40 horas	41,4	41,8	40,7
acima de 40 horas	52,1	53,6	49,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 23 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de discriminação sofrida no trabalho, Boa Vista, 2017

Tipo de discriminação	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Maior número de horas	15,9	16,1	15,6
Menor salário	16,7	20,7	8,9
Nacionalidade	62,9	58,6	71,1
Outras	4,5	4,6	4,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 24 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a dificuldade do idioma na inserção laboral, Boa Vista, 2017

Dificuldade no idioma	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	52,9	52,9	52,7
Não	43,0	43,9	41,5
Não sabe	4,2	3,2	5,8

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 25 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo serviços públicos que utiliza, Boa Vista, 2017

Tipo de serviço	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Saúde	38,9	38,4	39,9
Educação	10,4	8,8	13,0
Assistência social	2,2	2,3	2,2
Nenhum	48,4	50,6	44,9

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 26 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de hostilidade sofrida, Boa Vista, 2017

Hostilidade sofrida	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Nacionalidade	32,9	34,3	30,5
Outra	3,2	2,5	4,5
Nenhuma	63,9	63,2	65,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 27 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quem praticou hostilidade, Boa Vista, 2017

Quem praticou	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Cidadão comum brasileiro	83,8	83,7	83,9
Servidor público	8,3	7,8	9,2
Outros	7,9	8,4	6,9

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 28 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo aceitação de deslocar-se caso haja o apoio do governo brasileiro, Boa Vista, 2017

Aceitação	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	77,0	80,6	71,0
Não	14,9	12,0	19,9
Não sabe	6,8	6,4	7,5
Ignorados	1,2	1,0	1,7

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 29 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a principal condição para aceitar o deslocamento, Boa Vista, 2017

Principal condição	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Possibilidade de emprego	79,6	80,7	77,6
Ajuda econômica	11,2	11,0	11,5
Ajuda com moradia	5,2	4,3	6,9
Outras	4,0	4,0	4,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 30 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo a principal razão para não aceitar o deslocamento, Boa Vista, 2017

Principal razão	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Possui trabalho em Roraima	9,6	8,2	11,1
Estar integrado	37,2	36,7	37,8
Ficar a próximo a fronteira	38,3	38,8	37,8
Outras	14,9	16,3	13,3

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 31 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo destino da emigração, Boa Vista, 2017

Destino da emigração	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Repetiria e voltaria para o Brasil	77,0	76,7	77,6
Iria para outro país	13,4	13,7	12,9
Não sabe	8,2	7,6	9,1
Ignorados	1,4	2,0	0,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 32 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo quantidade de dinheiro enviado mensalmente (em reais), Boa Vista, 2017

Valores (em reais)	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
até 100	37,3	35,9	40,0
de R$101 a R$500	54,2	55,1	52,5
acima R$500	8,5	9,0	7,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 33 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo destinatário das remessas, Boa Vista, 2017

Destinatário	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Cônjuge	10,2	14,5	1,2
Pais	41,8	41,4	42,4
Filhos	32,2	30,1	36,4
Irmãos	8,2	8,1	8,5
Outros	7,6	5,8	11,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 34 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo tipo de uso das remessas, Boa Vista, 2017

Tipo de uso	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Pagamento de dívidas	9,4	8,9	10,5
Gastos com família	78,0	76,2	81,8
Gastos com educação	10,1	12,2	5,6
Outros	2,5	2,6	2,1

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 35 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo número de vezes que retornou à Venezuela, Boa Vista, 2017

Número de vezes	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Uma vez	14,8	13,7	16,6
Duas vezes	4,3	4,9	3,3
Duas vezes ou mais	7,4	8,3	5,8
Nunca retornou	71,8	71,8	71,8
Ignorados	1,7	1,2	2,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 36 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo intenção de retornar definitivamente à Venezuela, Boa Vista, 2017

Intenção de retornar	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	24,8	24,0	26,1
Não	46,7	47,3	45,6
Não sabe	27,4	27,9	26,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 37 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo motivação para retornar definitivamente à Venezuela, Boa Vista, 2017

Motivação para o retorno	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Melhoria da condições econômicas	61,3	56,8	66,7
Melhoria da condições políticas	22,5	29,5	13,9
Outros motivos	16,3	13,6	19,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 38 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo motivo do temor de retornar à Venezuela, Boa Vista, 2017

Motivo do temor	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Agentes do governo	20,6	20,5	20,8
Polícia	17,2	17,1	17,3
Forças armadas	13,9	14,0	13,6
Paramilitares/milícias	10,7	10,4	11,0
Criminosos	16,3	15,5	17,5
Outros	0,5	0,4	0,6
Nenhum	20,9	22,0	19,1

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/ UFRR. Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 39 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo permanência no Brasil, Boa Vista, 2017

Principal objetivo	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Conseguir um bom trabalho	62,9	64,7	59,8
Fazer curso superior	9,1	8,6	10,0
Fazer cursos de capacitação	8,0	7,1	9,5
Abrir o próprio negócio	14,6	14,5	14,9
Outros	4,8	4,4	5,4
Ignorados	0,6	0,7	0,4

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pequisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 40 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Empregado	41,9	7,7	3,1	52,7
Conta-própria	16,8	2,6	1,4	20,8
Desempregado	10,5	2,6	0,9	14,0
Outros	8,8	2,3	1,4	12,5
Total	78,0	15,3	6,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 41 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo intenção dentro de cada condição de ocupação, Boa Vista, 2017

Condição de ocupação	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Empregado	79,5	14,6	5,8	100,0
Conta-própria	80,7	12,6	6,7	100,0
Desempregado	74,7	18,7	6,6	100,0
Outros	70,4	18,5	11,1	100,0
Total	78,0	15,3	6,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 42 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação em deslocar-se, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Analfabeto	0,5	0,3	0,2	0,9
Ensino fundamental completo	3,4	1,2	0,2	4,7
Ensino fundamental incompleto	1,7	0,5	0,2	2,3
Ensino médio completo	24,8	3,7	1,7	30,2
Ensino médio incompleto	9,9	2,7	1,2	13,9
Ensino superior completo	22,6	4,4	1,7	28,7
Ensino superior incompleto	12,5	1,8	1,4	15,7
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	2,9	0,5	0,3	3,7
Total	78,2	15,1	6,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 43 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por aceitação de deslocar-se, segundo intenção dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Deslocamento			Total
	Sim	Não	Não sabe	
Analfabeto	50,0	33,3	16,7	100,0
Ensino fundamental completo	71,0	25,8	3,2	100,0
Ensino fundamental incompleto	73,3	20,0	6,7	100,0
Ensino médio completo	82,3	12,1	5,6	100,0
Ensino médio incompleto	71,4	19,8	8,8	100,0
Ensino superior completo	78,7	15,4	5,9	100,0
Ensino superior incompleto	79,6	11,7	8,7	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	79,2	12,5	8,3	100,0
Total	78,2	15,1	6,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 44 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por condição de ocupação, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Empregado	Conta-própria	Desempregado	Total
Analfabeto	0,2	0,0	0,5	0,7
Ensino fundamental completo	2,3	1,0	1,7	5,1
Ensino fundamental incompleto	0,7	1,0	0,9	2,6
Ensino médio completo	19,9	8,0	3,8	31,8
Ensino médio incompleto	5,2	4,7	3,1	13,1
Ensino superior completo	18,3	5,8	3,8	27,9
Ensino superior incompleto	10,6	3,1	1,9	15,7
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	2,8	0,3	0,0	3,1
Total	60,0	24,1	15,9	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 45 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por condição de ocupação, segundo condição dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Empregado	Conta-própria	Desempregado	Total
Analfabeto	25,0	0,0	75,0	100,0
Ensino fundamental completo	44,8	20,7	34,5	100,0
Ensino fundamental incompleto	26,7	40,0	33,3	100,0
Ensino médio completo	62,6	25,3	12,1	100,0
Ensino médio incompleto	40,0	36,0	24,0	100,0
Ensino superior completo	65,6	20,6	13,8	100,0
Ensino superior incompleto	67,8	20,0	12,2	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	88,9	11,1	0,0	100,0
Total	60,0	24,1	15,9	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 46 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por ramo de atividade, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Serviços de alimentação	Comércio	Construção civil	Outros	Total
Analfabeto	0,0	0,0	0,3	0,0	0,3
Ensino fundamental completo	0,5	1,5	1,0	1,3	4,4
Ensino fundamental incompleto	0,5	0,8	0,0	0,3	1,5
Ensino médio completo	5,2	10,1	4,6	10,3	30,2
Ensino médio incompleto	1,0	4,4	2,6	3,4	11,3
Ensino superior completo	8,0	11,6	2,8	7,5	29,9
Ensino superior incompleto	3,6	6,4	1,3	7,2	18,6
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	1,5	1,5	0,0	0,8	3,9
Total	20,4	36,3	12,6	30,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 47 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por ramo de atividade, segundo ramo dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	Serviços de alimentação	Comércio	Construção civil	Outros	Total
Analfabeto	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
Ensino fundamental completo	11,8	35,3	23,5	29,4	100,0
Ensino fundamental incompleto	33,3	50,0	0,0	16,7	100,0
Ensino médio completo	17,1	33,3	15,4	34,2	100,0
Ensino médio incompleto	9,1	38,6	22,7	29,5	100,0
Ensino superior completo	26,7	38,8	9,5	25,0	100,0
Ensino superior incompleto	19,4	34,7	6,9	38,9	100,0
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	40,0	40,0	0,0	20,0	100,0
Total	20,4	36,3	12,6	30,7	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 48 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por remuneração mensal, em salário mínimo, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	< 1 S.M	1 a 2 S.M	2 S.M >	S/remuneração	Total
Analfabeto	0,3	0,0	0,0	0,0	0,3
Ens. Fund. Completo	3,4	1,3	0,0	0,0	4,7
Ens. Fund. Incompleto	0,8	0,0	0,5	0,0	1,3
Ens. Méd. Completo	16,8	12,1	0,8	0,3	30,0
Ens. Méd. Incompleto	6,3	3,9	0,8	0,5	11,6
Ens. Sup. Completo	11,6	16,3	1,8	0,0	29,7
Ens. Sup. Incompleto	8,9	9,2	0,5	0,0	18,7
Pós-grad. (Esp/mestr/dout)	1,3	2,1	0,3	0,0	3,7
Total	49,5	45,0	4,7	0,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.
Nota: o salário mínimo vigente correspondia a R$937,00 (novecentos e trinta e sete reais).

Tabela 49 – Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por remuneração mensal, em salário mínimo[1], segundo remuneração dentro de cada nível de escolaridade, Boa Vista, 2017

Escolaridade	< 1 S.M	1 a 2 S.M	2 S.M >	S/remuneração	Total
Analfabeto	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Ens. Fund. Completo	72,2	27,8	0,0	0,0	100,0
Ens. Fund. Incompleto	60,0	0,0	40,0	0,0	100,0
Ens. Méd. Completo	56,1	40,4	2,6	0,9	100,0
Ens. Méd. Incompleto	54,5	34,1	6,8	4,5	100,0
Ens. Sup. Completo	38,9	54,9	6,2	0,0	100,0
Ens. Sup. Incompleto	47,9	49,3	2,8	0,0	100,0
Pós-grad. (Esp/mestr/dout)	35,7	57,1	7,1	0,0	100,0
Total	49,5	45,0	4,7	0,8	100,0

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Johanna A. A new wave of Venezuelans on the verge of destitution flees to Miami. **Miami Herald**, 03 jun. 2016. Disponível em: <http://www.miamiherald.com/news/local/immigration/article81578152.html>. Acesso em: 26 jul. 2017.

AMODIO, Emanuele; RIVAS, Yelitza; DOX, Clever. **Las pautas de crianza del pueblo warao de Venezuela**. Caracas, Venezuela: UNICEF, 2006.

BRASIL. **Parecer Técnico/SEAP/6ªCCR/PFDC nº 208/2017**, de 14 de março de 2017. Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. Brasília: Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República, 2017. Disponível em: <http://csbbrasil.org.br/downloads/parecer-tecnico-n208-2017.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2017.

ESCALANTE, Bernarda. Conversatorio con los Warao. **Antropológica**, Caracas, v. 53, n. 113, p. 117-126, 2010.

FOLHA WEB. Juiz afirma que é preciso encontrar local para abrigar crianças em risco. **Folha de Boa Vista**, 06 dez. 2016. Disponível em: <http://folhabv.com.br/noticia/Juiz-afirma-que-e-preciso-encontrar-local-para-abrigar--criancas-em-risco/23110>. Acesso em: 20 ago. 2017.

FOLHA WEB. PMBV é multada por não atender liminar para ajudar crianças no abrigo da Capital. **Folha de Boa Vista**, 13 jan. 2017. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/PMBV-e-multada-por-nao-atender--liminar-para-ajudar-criancas-no-abrigo-da-Capital-/24380>. Acesso em: 20 ago. 2017.

GARCÍA-CASTRO, Alvaro. Persistencia del principio de reciprocidad entre los Warao urbanizados del Delta Nor-Occidental (VE). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA IBEROAMERICANA, 5., 2005, Salamanca. **Anais eletrônicos...** Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Instituto Interuniversitario de Iberoamérica, 2005a. Disponível em: <http://www.academia.edu/555296/Persistencia_del_principio_de_reciprocidad_entre_los_Warao_urbanizados_del_delta_Nor-occidental_Venezuela_>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GARCÍA-CASTRO, Alvaro. Un asentamiento mixto Warao/Criollo en el Delta del Orinoco: el barrio indigena como estrategia de supervivencia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA IBEROAMERICANA, 5., 2005, Salamanca. **Anais eletrônicos...** Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Instituto Interuniversitario de Iberoamérica, 2005b. Disponível em: <http://www.academia.edu/2326540/Un_asentamiento_mixto_Warao-criollo_en_el_delta_del_Orinoco_El_barrio_ind%C3%ADgena_como_estrategia_de_supervivencia>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GRUSSON, Alberto; ESCALANTE, Bernarda. **Las formas de productividad de la población Warao**: estudio etnográfico para un desarrollo sostenible desde la cultura warao. La Paz, Bolívia: CISOR, 2009.

G1 RR. Centro de Referência ao Imigrante passa a abrigar refugiados em RR. **G1 Roraima**, 26 dez. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/centro-de-referencia-ao-imigrante-passa-abrigar-refugiados-em-rr.html>. Acesso em: 20 ago. 2017.

HEINEN, Dieter; GASSÓN, Rafael; GARCÍA-CASTRO, Alvaro. Desarrollo Institución Warao: identidad étnica y diversidad histórica. Cuestiones clave en la etnografía y la ecología histórica del Delta del Orinoco y el territorio Warao-Lokono-Paragoto. **Revista Lider**, v. 21, p. 113-142, 2012.

IMF. International Monetary Fund. IMF DataMapper: **Unemployment Rate percent**. 2017. Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/LUR@WEO/OEMDC/ADVEC/WEOWORLD/VEN>. Acesso em: 22 ago. 2017.

LAFÉE-WILBERT, Cecilia Ayala. **La mujer Warao**: de recolectora deltana a recolectora urbana. Caracas, Venezuela: Instituto Caribe de Antropología y Sociología, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 2008.

MARQUES, Marcelo. Coordenador da Defesa Civil ordena saída de venezuelanos de abrigo em RR: 'aqui não é a Venezuela, é o Brasil, temos leis'. **G1 Roraima**, 03 jun. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/coordenador-da-defesa-civil-ordena-saida-de-venezuelanos-de-abrigo-em-rr-aqui-nao-e-a-venezuela-e-o-brasil-temos-leis.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MELO, Emmily. Índios refugiados da Venezuela terão interação cultural em aldeias de RR. **G1 Roraima**, 03 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2017/03/indios-refugiados-da-venezuela-terao-interacao-cultural-em-aldeias-de-rr.html>. Acesso em: 20 ago. 2017.

VAZ, Alcides Costa. A crise venezuelana como fator de instabilidade regional: perspectivas sobre seu transbordamento nos espaços fronteiriços. **Análise Estratégica**, n. 3, 2016.

VERA, Giovanny. **Rota dos indígenas Warao da Venezuela ao Brasil**. 2016. Disponível em: <https://binho.carto.com/viz/bfaba37a-2cee-11e6-aeac-0e5db1731f59/embed_map>. Acesso em: 23 ago. 2017.

VILLALÓN, Maria Eugenia. Los Eñape. In: FREIRE, Germán Nicolás; TILLETT, Aimé. (Orgs.). **Salud Indigena en Venezuela**. Caracas, Venezuela: Ministerio del Poder Popular para la Salud, 2007. v. 2.

WILBERT, Werner; LAFÉE-WILBERT, Cecilia. Los Warao. In: FREIRE, Germán Nicolás; TILLETT, Aimé. (Orgs.). **Salud Indigena en Venezuela**. Caracas, Venezuela: Ministerio del Poder Popular para la Salud, 2007. v. 2.

SOBRE OS AUTORES

Gustavo da Frota Simões (Organizador e Autor)

Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima (UFRR) lotado na Coordenação de Relações Internacionais; Coordenador da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFRR (CSVM/UFRR); Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (2010); Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (2017).

Leonardo Cavalcanti da Silva (Autor)

Professor Adjunto na Universidade de Brasília (UnB) - Instituto de Ciências Sociais – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC); Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq) e Coordenador Científico do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra); Doutor em Sociologia pela Universidade de Salamanca (2004) Pós-Doutorados: University of Oxford, 2009 e Columbia University, 2011.

Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira (Autor)

Pesquisador em Informações Geográficas e Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Pesquisador Associado Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra/UnB). Especialista em Demografia e Desenvolvimento pelo CELADE/CEPAL – 1994; Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ – 1999; Doutor em Demografia pelo IFCH/UNICAMP – 2009; Pós-Doutor pela Universidad Complutense de Madrid – 2014-2015.

Elaine Moreira (Autora)

Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR) no Instituto de Antropologia (INAN); Mestrado em Anthropologie Sociale Et Ethnologie. Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França (1995); Doutorado em Anthropologie Sociale et Ethnologie. Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França (2012);

Júlia Faria Camargo (Autora)

Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR) na Coordenação de Relações Internacionais; Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (2008); Coordenadora do Projeto de Extensão Rede Acolher de apoio às pessoas em situação de refúgio e migração no Estado de Roraima.

Ailton José Lima Martins Furtado

Analista de sistemas do IBGE ocupando o cargo de gerente da área de tecnologia e estatística da Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS), da Diretoria de Pesquisas (DPE) no Rio de Janeiro – RJ; Pós-graduado no curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em Viçosa – MG (2002); Mestre 5em Engenharia da Computação – Área de Concentração: Geomática pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no Rio de Janeiro – RJ (2011).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DA IMIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL

Equipe Científica: Leonardo Cavalcanti da Silva (UnB/Obmigra) – Coordenador
Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira (Obmigra)
Aílton Furtado (Obmigra)

Equipe Técnica: Gustavo da Frota Simões (CSVM/UFRR) – Coordenador
Elaine Moreira (UFRR)
Júlia Faria Carmago (UFRR)
Ana Caroline Gomes dos Santos (CSVM/UFRR)
Débora da Silva Fontoura (CSVM/UFRR)
Dhalila Cruz da Silva (CSVM/UFRR)
Giovanna Galúcio Lacerda (CSVM/UFRR)
Héliton Luiz Carvalho da Costa (CSVM/UFRR)
Igor Carramanho da Silva (CSVM/UFRR)
Karla Priscila Vale de Sousa (CSVM/UFRR)
Maria Beatriz Souza Martinez (CSVM/UFRR)
Marianna Zawadi Kitenge (CSVM/UFRR)
Miguel Alvarenga de Macedo dos Santos (CSVM/UFRR)
Rodrigo de Carvalho Cazuza (CSVM/UFRR)
Stheffanny Vasconcelos Galvão (CSVM/UFRR)
Theresa Silva Melville (CSVM/UFRR)

SOBRE O LIVRO
Tiragem: 170 (Não comercializado)
Formato: 16 x 23 cm
Mancha: 12,3 x 19,3 cm
Tipografia: Times New Roman 10,5 | 11,5 | 16 | 18 pt
Arial 8 | 8,5 | 9 pt
Papel: Pólen 80 g/m² (miolo)
Royal Supremo 250 g/m² (capa)